

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS SOCIEDADES IBÉRICAS
E AMERICANAS

THIAGO NICOLAU DE ARAÚJO

**TÚMULOS CELEBRATIVOS DE PORTO ALEGRE:
MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O ESPAÇO CEMITERIAL
(1889 – 1930)**

Porto Alegre

2006

THIAGO NICOLAU DE ARAÚJO

**TÚMULOS CELEBRATIVOS DE PORTO ALEGRE:
MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O ESPAÇO CEMITERIAL
(1889 – 1930)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História das sociedades ibéricas e americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos

Porto Alegre

2006

THIAGO NICOLAU DE ARAÚJO

TÚMULOS CELEBRATIVOS DE PORTO ALEGRE: MÚLTIPLOS OLHARES

SOBRE O ESPAÇO CEMITERIAL (1889 – 1930)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História das sociedades ibéricas e americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos

Aprovada em _____ de julho de 2006, pela Banca Examinadora

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos – PUCRS

Profa. Dra. Maria Elízia Borges – UFG

Prof. Dr. René Ernaini Gertz – PUCRS/UFRGS

À Kate Fabiani Rigo e Raphaela Rigo, meus amores, que muito me apoiaram para o início e concretização deste trabalho.

À Harry Rodrigues Bellomo, grande professor, pesquisador e amigo, que devido às suas brilhantes aulas e incentivos, abriu uma nova perspectiva de se estudar a vida que existe no local que antes só se pensava como de morte.

“Fim? Não, a jornada não termina aqui. A morte é apenas outro caminho, um caminho que todos devemos tomar”.

O Senhor dos Anéis: O retorno do rei

J. R. R. Tolkien

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que colaboraram para a realização deste trabalho, de um modo ou outro, e em especial:

A CAPES, pela concessão da bolsa flexibilizada de mestrado, sem a qual não teria sido possível realizar a pesquisa;

À Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos, pelo incentivo e orientação sempre disposta neste inusitado tema de pesquisa;

À Profa. Dra. Maria Elízia Borges, grande incentivadora das pesquisas cimiteriais pelo Brasil, divulgadora do tema em encontros internacionais, responsável pela criação da ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais) e pela disposição em me esclarecer dúvidas;

Aos funcionários da PUCRS, que permitem o funcionamento dessa grande estrutura, e em especial a Carla do Pós-Graduação em História;

Ao Prof. Dr. René E. Gertz, pela generosidade em fazer parte da minha banca;

Aos demais professores do curso de Pós-Graduação em História;

À administração dos Cemitérios da Santa Casa e Evangélico Luterano que sempre me possibilitaram livre acesso às instalações dos “*Campos Santos*”;

A todos os cemiteriais brasileiros, que possibilitam a divulgação desse fascinante espaço de informações que é o cemitério;

Ao Sr. Carlos da Rosa, que me recebeu de braços abertos e disposto a compartilhar suas experiências de vida, apresentando outra visão sobre o cemitério: a possibilidade de enxergar o lado da família em luto;

Ao grupo “*cemiterial*”, Harry Bellomo, Geraldo Hoffmann, Daniel Meirelles Leite, Mateus Dalmáz, Fábio Dullius e Fábio Steyer, pelas ótimas horas de convívio e pesquisa pelos cemitérios, nos almoços de quinta-feira e nos queijos e vinhos. Longa vida ao grupo;

Ao grande amigo Geraldo Rodolfo Hoffmann, por incentivar leituras e assuntos que ampliaram meu conhecimento e modo de ver o mundo;

Aos neo-cemiteriais que continuarão com a nossa pesquisa, quando virarmos objeto de pesquisa;

Ao amigo Ricardo Silveira, pela ajuda na correção gramatical e pelas horas de bate-papo informal;

Aos meus familiares que me apoiaram durante a realização da pesquisa;

Ao meu irmão, Diego Nicolau de Araújo, cemiterial honorário;

A minha mãe, Margaret T. Timmen, que sempre me incentivou na busca daquilo que sonhamos;

Ao professor, amigo e companheiro de pesquisa Harry Rodrigues Bellomo, por despertar e incentivar o meu gosto pela pesquisa cemiterial;

E por fim à minha esposa Kate Fabiani Rigo e minha filhota Raphaela Rigo, que me incentivaram em concorrer ao mestrado e agüentaram dois anos de “*alfa*”.

RESUMO

Nesta dissertação buscamos lançar múltiplos olhares sobre os cemitérios de Porto Alegre, em busca dos seus significados milenares e dos específicos, ao longo da primeira República em Porto Alegre (1889 – 1930). O objetivo maior é valorizar o cemitério como fonte de histórica e de identidade cultural da capital do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This thesis of Masterships search to launch multiples looks on the two cemeteries of Porto Alegre, in search of its millenarian meanings and the specific ones, throughout the first Republic in Porto Alegre (1889 - 1930). The objective biggest is to value the cemetery as source of historical and cultural identity of the capital of the Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – O CEMITÉRIO ATRAVÉS DA HISTÓRIA.....	28
2.1 - Origem Histórica dos Cemitérios.....	29
2.2 – A visão da morte no imaginário funerário.....	40
CAPÍTULO 2 – CEMITÉRIOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	47
2.1 - Cemitério como fonte histórica de preservação da identidade cultural.....	48
2.2 - Cemitério como Patrimônio Cultural.....	59

CAPÍTULO 3 – CEMITÉRIOS EM PORTO ALEGRE	65
3.1 – Porto Alegre: contexto e cemitério.....	66
3.2 – Santa Casa.....	73
3.2.1 - Os túmulos positivistas.....	74
3.2.2 - Túmulos de influência greco-romana e egípcia.....	81
3.2.3 - Túmulos com representações simbólicas alegóricas e cristãs.....	90
3.3.- Evangélico Luterano.....	100
CONCLUSÃO	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118

INTRODUÇÃO

O interesse acadêmico pela pesquisa cemiterial surgiu nos seminários e congressos de extensão durante o curso de Graduação em História na PUCRS, nos quais observava e escutava admirado a relação entre as pesquisas de campo e de análise que eram tão entusiasticamente narradas pelo professor e pesquisador Harry Rodrigues Bellomo, da PUCRS.

Durante uma viagem a São Paulo, no final do ano de 1996, fotografei, a pedido do prof. Bellomo, o Cemitério da Consolação, famoso por suas obras de arte, bem como pelos personagens lá enterrados. A partir das fotografias, muitas representando a arte egípcia, surgiu um convite feito pela prof^a. Margaret Bakos para realizar uma comunicação na III Jornada de Estudos do Oriente Antigo, por ela organizado no segundo semestre de 1997, sobre as representações da arte egípcia encontradas nos cemitérios do Brasil. Assim, formou-se a coluna que sustenta as diversas pesquisas, palestras e publicações que surgiram nestes anos de trabalho.



Visitação guiada no
Cemitério da Santa
casa.
Foto: Miriam Tolpolar

Esta pesquisa intitulada “Túmulos Celebrativos em Porto Alegre: Múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)”¹ foi elaborada a partir do desejo de evidenciar a importância do cemitério como fonte histórica sobre aspectos da cultura regional, além de ressaltar sua importância como patrimônio histórico internacional. Nos cemitérios se encontram, em geral, obras de renomados artistas plásticos, túmulos de personalidades de relevância, textos e outros traços que contam a história das pessoas ali enterradas.

Esses desejos expressos levaram ao título deste trabalho, porque significam lançar múltiplos olhares sobre os cemitérios de Porto Alegre, em busca dos seus significados milenares e dos específicos, ao longo da primeira República.

¹ Partimos da idéia que os túmulos podem demonstrar fontes de informação artísticas, sociais, culturais e ideológicas contidas nos cemitérios, de forma a analisar a construção de uma ou mais identidades culturais. Desse modo, delimitamos a análise aos túmulos de caráter celebrativo, por representarem de modo ostensivo estes aspectos já citados. Já o marco cronológico (1889-1930) refere-se ao início da república e o governo positivista no RS, fortemente influenciado pelo materialismo cientificista.

Durante esta pesquisa, evidenciamos que as poucas publicações existentes sobre os cemitérios no Brasil e no Rio Grande do Sul se restringiram ao mapeamento quantitativo de cemitérios de determinadas regiões (Lajeado, Veranópolis, Santo Antônio da Patrulha) e levantamentos genealógicos, bem como suas simbologias² analisadas de forma generalizada.³ De fato, a historiografia brasileira e rio-grandense ainda oferece pouca atenção ao tema cemiterial, provavelmente devido à idéia fantasiosa sobre o contato com sentimentos ligados à morte e suas representações funerárias. Verificamos hoje a existência de um grande preconceito perante este tipo de visitação, isso se deve ao fato deste hábito não estar inserido na cultura brasileira.   necessário, para essa desmistifica o, que se leve em considera o a relevância histórico-cultural e artística deste espaço. Todavia, dentro da realidade brasileira e devido aos trabalhos de divulga o sobre este assunto realizados pela equipe de pesquisa coordenada pelo professor e pesquisador Harry Rodrigues Bellomo, esta idéia está aos poucos sendo modificada através de diversas palestras e publica es voltadas ao público em geral.⁴

² Entendemos que a questão da análise simbólica se estende em diversos ramos do conhecimento, possuindo assim diversas interpreta es. No caso da simbologia contida no cemitério, seu significado está diretamente atrelado ao simbolismo religioso, já que os campos santos antes de tudo transmitem uma mensagem religiosa. A partir deste pressuposto a simbologia artística possui uma rela o com a idéia das representa es mortuárias, bem como da celebra o da memória dos feitos do morto em vida, ressaltando assim a constru o de uma identidade pública/privada, pois os símbolos representam a corporifica o de um conceito. Os símbolos estão atrelados muitas vezes a origem cultural e geográfica de seus idealizadores e podem sofrer altera es conforme o período em que são utilizados. Conforme Koch (1998, p.7) só assim   possível entender as diferentes impressões que as obras artísticas nos provocam.

³ Os mapeamentos quantitativos tem como base o levantamento genealógico das regiões dos cemitérios pesquisados, pois a lápide fornece o nome, datas de nascimento e morte, e em alguns casos, informa também o estado civil e local de nascimento do falecido. Desse modo, se pode traçar uma linha genealógica de rela es entre os membros das comunidades pesquisadas e suas rela es familiares. Para aprofundar o assunto ver: DULLIUS, Werner Mabilde. Cemitérios das Col nias Alemãs no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole, 1985.

⁴ Estes eventos são realizados principalmente em conjunto com a historiadora Vera Maciel Barroso, que organiza todo ano o *Encontro dos Municípios Originários de Santo Ant nio da Patrulha*, nos quais se busca evidenciar, ressaltar e preservar a história e a cultura dos municípios em questão, através de pesquisas realizadas entre as comunidades e a academia, sendo apresentadas e publicadas nos Anais destes encontros.

O cemitério já faz parte do roteiro histórico de visitação em diversas regiões turísticas do mundo, como por exemplo, o cem terio P re-Lachaise, em Paris, na França e o cem terio de La Recoleta, em Buenos Aires, na Argentina.⁵ Nesses, são identificados elementos que demonstram a história social e artística destas regiões, através da estatuária, das obras arquitet nicas, dos epitáfios e dos símbolos encontrados e analisados nos túmulos, valorizando e exaltando a preserva o desse imenso patrimônio público, que ficaram conhecidos como “museus ao céu aberto”.⁶

Com este sentido pretendemos analisar como o cem terio pode ser uma fonte de informa es históricas e da identidade cultural em Porto Alegre, pois a região revela uma rica produ o funerária contida nos seus cem terios, além do fato de ser a capital política e cultural do Estado.⁷

O estudo mais significativo sobre cem terios do Brasil   de Clarival Valladares, intitulado *Arte e Sociedade nos Cem terios Brasileiros*,⁸ no qual o autor faz um levantamento dos principais cem terios do Brasil e suas esculturas, se detendo mais nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, indicando um viés sociológico sobre as obras artísticas contidas nas necrópoles.

⁵ Conforme prospectos turísticos distribuídos como propaganda pelos respectivos consulados.

⁶ Conforme Ari s (1987, p.435): o cem terio já possui um caráter cultural desde o século XVIII, devido às suas expressões artísticas.

⁷ Outras capitais brasileiras também demonstram rica produ o funerária nos cem terios, como em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, devido ao acúmulo de riquezas entre as partes mais abastadas destes locais.

⁸ Publicado no Rio de Janeiro: Edi o MEC - Conselho Federal de Cultura, 1972.

Outros estudos referem-se à análise individual de cemitérios específicos, de determinadas regiões. O trabalho da historiadora Maria Elízia Borges⁹ se volta à produção da estatuária funerária no Brasil, no qual ela analisa mais especificamente o trabalho dos marmoristas italianos na região de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo.

O estudo do geógrafo Eduardo Rezende¹⁰ concentra-se em analisar o espaço geográfico e as atividades socioespaciais realizadas no cemitério de Vila Formosa, em São Paulo, bem como a igualdade entre sexos e etnias nos enterramentos, devido ao que o autor classifica como *um cemitério de aspecto simples, de acordo com sua concepção dada pelo poder público (terceira classe), criando uma hierarquia social onde os pobres são enterrados em um lugar feio*. Ou seja: Os ricos podem ter diferenciações entre os monumentos funerários, mas os pobres conseguem no máximo uma cova onde se enterrar, o que gera a igualdade.

O estudo da pesquisadora Cassiana Lacerda Carollo¹¹ analisa a história do Cemitério Municipal de São Francisco de Paula, em Curitiba, Paraná, explicando desde os processos de fundação e estruturação, o desenvolvimento desse campo santo até a

⁹ BORGES, Maria Elízia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

¹⁰ REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Metrópole da Morte: necrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa*. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

¹¹ CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Cemitério Municipal São Francisco de Paula: monumento e documento*. Curitiba: Boletim Informativo da Casa Romário Martins, Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 104, abr. 1995.

atualidade. Carollo estipula tipologias específicas para a classificação dos túmulos contidos no cemitério em questão, não podendo ser aplicadas em outros cemitérios.

O estudo mais significativo produzido no Rio Grande do Sul é a dissertação de mestrado em História de Harry Rodrigues Bellomo, intitulada *A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900 – 1950)*, defendida em 1988 na PUCRS, na qual analisa a produção da estatuária funerária em Porto Alegre através dos ateliês e dos artistas, suas influências européias em relação ao contexto positivista, onde cria um inventário tipológico da escultura funerária.

Analisando o trabalho de Bellomo (1988, p.67), identificamos o uso de diferentes temas e representações para as interpretações artísticas das obras funerárias, as quais são classificadas através de três tipologias que procuram estabelecer as relações entre as obras funerárias e o seu contexto sócio-político. São elas: Tipologia Cristã, na qual compreende toda transmissão de mensagem cristã; Tipologia Alegórica, na qual estão colocadas todas as obras alegóricas de sentimentos e de princípios religiosos, e por fim a Tipologia Cívico-Celebrativa, que representa as obras destinadas a celebrar a memória cívica de grandes personalidades do mundo social, político e cultural de Porto Alegre e que são o objeto de nossa análise no presente estudo.

O livro dos historiadores Sérgio Silva e Viviane Saballa¹² analisa o cemitério municipal de Pelotas estabelecendo uma relação entre a produção da estatuária, os ateliês, os artistas e o contexto histórico do período. Utiliza como fonte de análise para os monumentos funerários as tipologias desenvolvidas por Bellomo, na obra já citada.

Outra publicação significativa sobre os cemitérios do RS é a obra *Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade, Ideologia*¹³. Este livro, organizado por Bellomo, possui uma coletânea de artigos sobre diversos aspectos que podem ser analisados nos cemitérios, incluindo cemitérios de Porto Alegre.

Sobre os cemitérios de Porto Alegre, especificamente não existe nenhuma publicação, apenas dois capítulos de livros que analisam a cultura porto-alegrense¹⁴. Novamente se destaca um artigo de Bellomo (1994), analisando a produção da estatuária funerária de Porto Alegre, resumindo o tema da dissertação antes analisada. Destaca-se também o trabalho sobre estatuária em Porto Alegre do historiador Arnaldo W. Doberstein no qual inclui em sua análise os túmulos de expressão positivista no Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre.¹⁵

¹² SILVA, Sérgio Roberto Rocha da; SABALLA, Viviane Adriana. Pelotas: a arte imortalizada. Pelotas: Ed. Da Universidade/UFPEL, 1998.

¹³ BELLOMO, Harry Rodrigues (org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade e ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

¹⁴ BELLOMO, Harry R. O Cemitério como fonte Histórica. In: Anais do III Encontro de Pesquisadores do Departamento de História. IFCH – PUCRS. Porto Alegre: (s.e.), 1996.

_____.(org.) Rio Grande do Sul: aspectos da cultura. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.

¹⁵ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. Estatuários, Catolicismo e Gauchismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Fora do Brasil existem estudos de grande relevância sobre cemitérios e suas implicações nas diversas áreas do conhecimento. Um exemplo disso é a “*Association for Gravestone Studies*”, sediada em Greenfield, Massachusetts, nos EUA. A associação foi fundada em 1977 com a finalidade de promover o estudo e a preservação dos túmulos. Se define como uma organização internacional com interesse nos túmulos de todos os períodos e estilos. Através de suas publicações, conferências, oficinas e exposições, a AGS promove o estudo dos cemitérios nas perspectivas histórica e artística, expande a consciência pública do significado histórico dos cemitérios, e incentiva indivíduos e grupos a estudar e preservar as necrópoles.¹⁶

O espaço temporal delimitado neste projeto (1889-1930) refere-se ao início do período republicano no Brasil. O marco cronológico justifica-se através das diversas pesquisas de campo já realizadas, pois nestas averiguamos um período rico na construção de obras tumulares, tendo em vista diversos fatores como a influência do materialismo cientificista, resultando nos grandes túmulos positivistas e o período referente à chegada das últimas levas de imigrantes, facilitando uma análise da preservação da memória identitária desta época.

Procuramos evidenciar nesta pesquisa a importância de se preservar os cemitérios como patrimônio histórico no Rio Grande do Sul, através da análise das fontes de informação artísticas, sociais, culturais e ideológicas contidas nas necrópoles, de forma a

¹⁶ Conforme a própria AGS se define na página inicial do seu site: www.gravestonestudies.org

demonstrar a construção de uma ou mais identidades culturais que se revelam significativas em determinados contextos históricos no período do início da república brasileira em Porto Alegre.

Para tanto procuramos responder as seguintes questões:

1. Como os cemitérios podem ser considerados um meio de preservação do patrimônio histórico de uma região? (e especificamente no estudo de caso em Porto Alegre?)
2. Como as diferenciações simbólicas nos túmulos celebrativos podem evidenciar identidades culturais dos diferentes cemitérios da Santa Casa e Evangélico Luterano de Porto Alegre?

A nossa metodologia partiu da transcrição de epitáfios, catalogação de fotos, análise das simbologias e das esculturas contidas nos túmulos em si, e por fim delimitaremos por amostragem os cemitérios analisados, além de contextualizá-los em seu período histórico.

A pesquisa consistiu na realização de trabalho de campo, registros fotográficos nos cemitérios, relacionando a criação dos túmulos com o contexto histórico em Porto Alegre.

Através das inúmeras pesquisas de campo já realizadas pelo grupo¹⁷, percebemos diferentes maneiras das sociedades expressarem o sentimento sobre a morte, sempre mantendo a idéia de conservar a memória do morto pela imagem, numa tentativa de manter viva sua identidade. Assim como há uma necessidade de manter viva a memória do morto, também há a necessidade de se preservar a identidade cultural de uma sociedade num determinado período de tempo.

Esta questão é abordada no estudo de Woodward:

Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referências a um suposto e autêntico passado - possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece real - que poderia validar a identidade que reivindicamos (Woodward In: Silva, 2000, p.27).

Temos como exemplo desta necessidade de manter “viva” a identidade cultural de um determinado grupo, os túmulos existentes nos cemitérios de Porto Alegre. Nestes, há um forte apego à preservação da identidade cultural expressa nos epitáfios, que muitas

¹⁷ O grupo “*cemiterial*” existe há nove anos, e reúne-se toda quinta-feira para almoçar e discutir as pesquisas realizadas nos cemitérios do RS, bem como para planejar palestras e publicações sobre o assunto. O grupo é composto pelos pesquisadores Harry Bellomo, Fábio Steyer, Mateus Dalmáz, Daniel Meirelles Leite, Fábio Dullius, Kate Rigo, Geraldo Hoffmann e Thiago Nicolau de Araújo. Já pesquisamos, a pedido de prefeituras, eventos de pesquisa e por interesse próprio, cemitérios das diferentes regiões do RS, bem como de outros estados do país, como São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2004, realizamos, em conjunto com pesquisadores de São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Goiás e do Ceará o I Encontro sobre Cemitérios Brasileiros, na USP. Neste encontro fundamos a ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais), que tem por objetivo reunir, a cada dois anos, pesquisadores de todo Brasil para, num sentido transdisciplinar, divulgar e publicar suas pesquisas.

vezes são escritos na língua de origem (no caso dos túmulos dos imigrantes) e ressaltam o local de nascimento do morto. Esse tipo de evidência está associado ao modo de dominação simbólica, que conforme Baczko (1985, p.332), qualquer coletividade produz um sistema simbólico que compreende os imaginários sociais, dessa forma sendo um instrumento de preservação da memória cultural. Neste sentido vamos nos deter nos túmulos que celebram a preservação da memória particular/coletiva do morto.

O conceito de identidade é definido especialmente, pela antropologia, onde a idéia de que a construção da identidade é impulsionada pela necessidade de se fazer parte de um grupo gerando um sentimento de pertencimento. Este seria um sentimento calcado na diferença: tu te vês diferente, enquanto te relacionas com o outro. Conforme Brandão nos elucida:

...as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro, por se ter de estar em contato, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, o poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos e, no seu interior, aqueles que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a minoria, a raça, o povo. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto do inevitável da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença (Brandão, 1986, p.42-3).

Os cemitérios preservam a identidade no momento em que visualizamos que as diferenciações sociais são evidenciadas, pois conforme Bellomo: *“os grandes monumentos são destinados aos elementos destacados dos grupos dominantes enquanto a classe média vai para as catacumbas modestamente decoradas, ou seja, em determinados períodos os cemitérios das nossas cidades refletem a estratificação social”* (2000, p.51).

Também julgamos que na sociedade atual, a construção de imponentes obras funerárias deixou de ser objeto de maiores preocupações da família. Até meados da década de 50, túmulos requintados indicavam status social.¹⁸ A partir daí, a sociedade encontrou novas formas de demonstrar a riqueza, como por exemplo através da aquisição de automóveis de alto valor de mercado.

Com o consumismo e a agitação do dia-a-dia, diminuiu-se a preocupação com a fabricação e manutenção de grandes túmulos, que consomem grande quantidade de tempo e dinheiro. Hoje notamos uma valorização do plano urbano dos novos cemitérios,¹⁹ que contém salas confortáveis, jardins, floriculturas, restaurantes, entre outras comodidades.

¹⁸ Conforme Bellomo, 1988, p.19.

¹⁹ Em contrapartida, alguns cemitérios antigos estão sendo demolidos e tendo suas obras retiradas para construção de estacionamentos, crematórios, entre outros, como acontece com o Cemitério São José II, em Porto Alegre.

Podemos atribuir esta despreocupação com a produção de grandes obras funerárias como uma manifestação da chamada “cegueira da morte” nas palavras de Edgar Morin: *“Fazemos de conta que a morte não existe, pois a vida cotidiana é pouco marcada pela morte”* (Morin, 1997, p.63). A não ser, é claro, quando assistimos o telejornal noturno.

O homem ao se deparar com a finitude da vida reage basicamente de duas maneiras distintas: com a negação ou a aceitação da morte terrena (Steyer, 2000, p. 74). A reação mais comum é a de negação do fato, pela qual a família do morto expressa seus sentimentos de revolta com o fim da vida através de inscrições, fotografias e objetos colocados nos túmulos que relembram a vida terrena. A aceitação da morte terrena aparece através de demonstrações de fé e de homenagens e saudações à vida do defunto.

Desse modo, os túmulos expressam uma idéia ou conceito do mundo dos vivos sobre o mundo dos mortos. Nesse sentido, também, eles podem ser considerados como objetos que representam a identidade cultural de uma determinada região em uma época específica, sob ponto de vista particular ou público.

Propomos analisar os túmulos em caráter qualitativo, selecionando apenas os elementos que não se repetem, buscando exemplificar por amostragem a representação de uma identidade cultural em uma determinada categoria de conjuntos tumulares. A escolha dos dois cemitérios – Santa Casa e Evangélico Luterano – se deu devido à constatação de que possuem significativas diferenças, entre si, na produção dos túmulos, pois o primeiro

está ligado a uma cultura cristã Católica, somado às influências positivistas, e o segundo demonstra aspectos da cultura germânica de fé luterana.

Os demais cemitérios de Porto Alegre, que se enquadram no espaço temporal delimitado por este projeto (São José e São Miguel e Almas), não apresentam diferenças muito significativa nem no que diz respeito à estatuária, nem na simbologia dos campos santos escolhidos para este estudo de caso, e por tal razão não foram incluídos como exemplo²⁰.

Foram inventariados durante a pesquisa nos cemitérios da Santa Casa e Evangélico Luterano de Porto Alegre, 226 túmulos que indiquem significativos elementos simbólicos para a celebração da memória do morto, e desse modo sendo fonte para a manutenção da identidade cultural.

De acordo com a tipologia de análise das obras funerárias, elaboradas por Bellomo (1988, p. 72), consideramos significativos para esta pesquisa os túmulos que apresentam as seguintes características:

²⁰ O cemitério da comunidade judaica não foi estudado devido à dificuldade em conseguir liberação da administração do cemitério para pesquisar e fotografar os túmulos lá inseridos.

- Qualquer expressão artística que se enquadre nas tipologias Cívico-Celebrativa, Cristão e/ou Alegórica;
- Epitáfios que celebrem a memória do morto;
- Elementos simbólicos que indiquem crença, elementos da vida particular ou pública do morto.

Quanto à origem dessas marcas culturais, buscamos listar o nome das famílias através das inscrições contidas nos túmulos, quando constatamos a seguinte procedência:

Cemitério da Santa Casa e Evangélico Luterano	
Origem étnica	Número de túmulos
Luso-brasileira	40
Germânica	87
Italiana	46
Desconhecido ou repetidos ²¹	53
Total	226

²¹ As famílias incluídas no campo *desconhecido ou repetido* são aquelas que não foi possível definir através do sobrenome o local de procedência, como os nomes Silva, Santos, de Jesus. De acordo com o administrador do Cemitério da Santa Casa, pertencem as chamadas “*famílias brasileiras*”.

No primeiro capítulo, intitulado “O Cemitério Através da História” apresentaremos a história da instituição “Campo Santo”, os lugares de enterramento dos mortos, com o objetivo de, a partir do geral, definir a gênese e peculiaridades das formas e estruturas dos cemitérios de Porto Alegre.

No segundo capítulo intitulado “Cemitérios: história e memória”, apresentaremos, através de definições teóricas, como os túmulos celebrativos podem indicar o cemitério como lugar de preservação da identidade cultural. Neste sentido, visamos demonstrar que os campos santos podem ser considerados patrimônios histórico-culturais, e podem se constituir em fontes de estudos transdisciplinares.

No terceiro capítulo “Cemitérios de Porto Alegre” vamos inicialmente indicar o contexto histórico em que os cemitérios estão inseridos bem como a origem dos cemitérios da Santa Casa e Evangélico Luterano, para em seguida analisar 29 túmulos celebrativos. Buscaremos definir pela análise de suas simbologias, se eles representam uma ou mais identidades culturais e que tipo de memória esses túmulos procuram preservar.

1.0 - O CEMITÉRIO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Neste capítulo “origem histórica dos cemitérios” analisaremos em primeiro momento a construção daquilo que será reconhecido como o “Campo Santo”, comentando suas origens na antiguidade. Nosso objetivo é partir do geral para o particular, procurando definir como estão estruturados os cemitérios analisados em Porto Alegre.

E, em segundo momento, “a morte e as representações funerárias” indicaremos os conceitos de representações da morte no imaginário ocidental, desenvolvidos com base nas idéias de Michel Vovelle e Phillippe Ariès. Por último mostraremos como os cemitérios são fontes para a pesquisa das representações da morte e que fontes de análise eles podem oferecer ao pesquisador. Assim poderemos traçar a relação entre os objetos de nosso estudo com o contexto em que se desenvolveram.

1.1 – Origem Histórica dos Cemitérios

Ao analisarmos a vida dos primeiros povos verificamos em todos, sem exceção, o grande respeito e veneração pelos defuntos, que se traduzia não só nos ritos religiosos, como na tentativa de preservação dos corpos pela inumação, dando origem às necrópoles. Constatamos que já na antiguidade clássica, existiam empresas funerárias para apoiar a família, na hora do luto, como vemos nos ritos de sepultura. O poeta Virgílio termina a narração dos funerais de Polidoro por estas palavras: “*Encerramos a alma no túmulo*” (Eneida, 1964, p. 161)

Na tentativa de esboçar este levantamento buscamos, com Vovelle, demonstrar que a morte está estreitamente vinculada à vida do ser humano e, portanto, faz parte integrante da História. E pelo lugar que se concede a ela numa determinada sociedade, pode-se definir a sua cultura. Além do mais, tudo o que dá respeito aos usos, costumes e ritos mortuários, interessa vivamente àqueles que se dedicam às ciências históricas e antropológicas (Vovelle, 1997, p. 324).

De acordo com Maria Amélia Loureiro (1977, p. 8)²² entendemos que quando o ser humano tomou consciência de sua existência no cenário inóspito e agreste do período pré-histórico, a sua primeira grande perplexidade deve ter sido o *ato de morrer*. A criatura que até bem pouco tempo emitia sons tentava articular algo inteligível, jazia, de uma hora para outra, inerte e imóvel. Era algo extraordinariamente desconcertante. E aquele corpo inerte

²² Maria Amélia Salgado Loureiro (Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo, SP)

que a antes manifestava força, agora causava assombro e medo. Era misterioso e inexplicável. E, por isso, exigia reverência e acatamento.

Ao analisarmos a marcha das civilizações desde o seu primórdio, verifica-se o respeito que todos os povos devotavam aos seus mortos. As descobertas arqueológicas revelaram sepultamentos de certa forma pomposos para a época, onde o defunto estava rodeado de um sem número de utensílios e armas, ostentando toscas jóias.

Justamente por acharem que a força motora que movia o corpo não poderia desaparecer sem nenhuma razão, entenderam os primeiros seres humanos que o defunto passava para outro estágio de vivência. E essa circunstância levava a crer que o indivíduo continuava a ter necessidades após a morte. E, por isso, além de procurarem preservar os restos mortais, colocavam junto dele os apetrechos de que o morto mais gostava e faziam oferendas fúnebres, depositando sobre o túmulo comida e bebida. Esse costume propagou-se pelas idades posteriores e chegou mesmo, em alguns povos, até nossos dias.

Jean Pierre Bayard (1996, p.43) observa: “*O homem é o único animal que acende o fogo e enterra os mortos.*” Os ritos fúnebres são muitos e variados, e evoluem não só com os costumes regionais, mas também com a idade, o sexo e a posição social do defunto.

O culto aos mortos parece ser, pois, o mais antigo conhecido pelo homem. Antes de conceber e adorar a um Ente Supremo, ele adorou os mortos. Foi, talvez, à vista da morte que o homem teve pela primeira vez, a idéia do sobrenatural. A morte foi o primeiro

mistério e colocou-o no caminho de outros mistérios. Elevou-lhe o pensamento do visível ao invisível, do humano ao divino, do efêmero ao eterno.

E se não fosse o culto aos mortos, os historiadores muitas vezes não poderiam ter recomposto a fisionomia econômico-social-política dos povos antigos²³. Foi, principalmente, a partir dos objetos encontrados nas tumbas, que esse conhecimento se tornou possível. Povos que quase não possuíam literatura e nem se perpetuaram através de monumentos contendo inscrições, deixaram a marca de sua existência nos objetos depositados em túmulos. E, assim, juntando todos esses heterogêneos fragmentos é que foi possível montar-se, através de toda uma série de elementos históricos, o quadro geral de uma determinada cultura.

Os primeiros sepultamentos pré-históricos surgiram a partir da necessidade de depositar o cadáver em algum lugar seguro, devido ao problema causado pela decomposição dos corpos, seja numa cova ou num processo de inumação natural, dentro de uma gruta ou caverna.(Bayard, 1996, p.41)

Neste sentido, os primeiros ritos funerários estão ligados aos elementos naturais, conforme nos elucidava Bayard:

Em concordância com o elemento ar, o cadáver é exposto; por temor dos animais carnívoros, a

²³ A arqueologia muitas vezes se utiliza de escavações em cemitérios pré-históricos e históricos (como no caso dos grandes túmulos egípcios, de urnas funerárias guaranis, entre outros tipos de enterramentos) para poder analisar como se davam práticas cotidianas sobre a vida e morte dos povos antigos, analisando muitas vezes a posição social, religiosa e/ou política que eram indicadas através da quantidade e significado dos objetos encontrados nestes túmulos.

inumação no elemento terra é praticada em toda parte desde as épocas mais antigas; a imersão no elemento água deixa muito menos traços; (...) Enfim, sob o elemento fogo, a incineração, praticada às vezes no neolítico, tem lugar cada vez mais importante; as cinzas são espalhadas ao vento, enterradas, derramadas no rio ou conservadas em urna (Bayard, 1996, p.43).

Assim, o homem demonstrava a preocupação com o destino do cadáver, e dessa forma honrando o morto através de ritos.

No mundo grego-romano reside a origem de muitos costumes²⁴ que deram origem as formas atuais de culto aos mortos e preservação de sua memória.

Neste sentido, surge sobre o túmulo inscrições que diziam que ali repousava alguém, costume este que adotamos também (*repouse em paz*, por exemplo), apesar de não mais crermos que um ser imortal fique encerrado num túmulo. Conforme Loureiro (1977, p. 20) os antigos acreditavam tão piamente nisso, que eram enterrados com o defunto os objetos de que se supunha ter ele necessidade.

Derramava-se vinho sobre o túmulo para apagar-lhe a sede; deixavam-se-lhe alimentos para matar a fome. Chegavam, mesmo, a degolar cavalos e escravos, pensando que estes seres, encerrados com o

²⁴ Como o luto, a ornamentação dos túmulos e o culto aos antepassados, conforme Bayard (1996) analisa no capítulo IV intitulado “*costumes das sociedades tradicionalistas*”.

morto, o serviriam no túmulo, como o tinham feito em vida (Homero, *Ilíada*, p.20).

Essa crença determinou que se fizessem sepultamentos obedecendo a rituais solenes e se erigissem túmulos que eram cercados de grandes grinaldas de plantas e flores. Sobre eles colocavam-se pastéis, frutas e sal, e se derramava em suas superfícies leite, o que caracterizava o culto no próprio túmulo, dentro da necrópole. Desse modo o culto aos mortos começa a tomar um local específico no mundo ocidental. Assim, o túmulo passou a fazer parte das propriedades da família do morto, sendo um local de rituais e de preservação da memória do falecido (Bayard, 1996, p.133).

Havia, um verdadeiro culto pelos parentes mortos, não só por respeito à sua memória, mas também por receio de sua vingança. Um morto abandonado, tornava-se infeliz. Por isso o grande cuidado com que se preparavam os funerais e a sepultura. Tal crença determinou a organização de pessoas especializadas neste tipo de trabalho (atuais coveiros), que sob contribuição financeira, encarregava-se de oferecer esses dois cuidados às famílias dos falecidos. Assim construíram para seus clientes câmaras sepulcrais, cujas paredes estavam repletas de nichos, nos quais as cinzas dos mortos, encerradas em urna eram depositadas. Abaixo das urnas, inscreviam-se diretamente no muro, os nomes das pessoas cujas cinzas elas continham.

Por sua forma, essas câmaras sepulcrais receberam o nome de *columbário*. Frequentemente os senhores generosos mandavam, também, construir *columbários* para os seus escravos e agregados.



Columbário romano em Cádiz, na Espanha.

Fonte:

http://sierradecadiz.com/noticias/modules.php?name=Sections&op=view_article&artid=21

Data: 02/06/2006

Verifica-se, pois; que o conceito primitivo das antigas gerações (e isto em todo o Mundo então conhecido), foi o de que o ser humano vivia no túmulo em sua dualidade corpo-alma, precisando portanto ser reverenciado e nunca esquecido. E os ritos fúnebres, quer na Antiguidade Oriental, na Antiguidade Clássica ou entre outros povos europeus, seguem por isso os mesmos costumes, diferindo muito pouco, através de peculiaridades locais.

Com o fortalecimento do cristianismo, que incorporou muito da cultura helenística bem como os costumes funerários judaicos, se desenvolve a mentalidade de que o corpo deve voltar à terra, mostrando um certo desinteresse pelo cadáver, pois a crença da criação (do pó vieste e ao pó retornarás) bem como a da ressurreição fortalece a idéia da continuidade da vida no plano espiritual. (Loureiro, 1977, p.24).

De acordo com Loureiro (1977, p. 26) em Roma, como o terreno era muito caro, eles cavaram a terra e, sob um leve tufo, construíram galerias e câmaras subterrâneas. Aí, em compridos nichos abertos ao longo das paredes, depositavam o caixão mortuário. Como cada geração cavava novas galerias, formou-se, gradativamente, uma cidade subterrânea, que recebeu o nome de *Catacumba*.

Como reminiscência das catacumbas, no século IV de nossa era, adotou-se o costume de enterrar os mortos nas Igrejas ou em volta delas, surgindo, então, o *cemitério*. E foi sob a influência das idéias cristãs que tomou, nos primeiros séculos de nossa era, o novo sentido de campo de descanso após a morte, onde se espera a ressurreição, quando soar a hora do Juízo Final, chamados de Campos Santos.

A palavra *cemitério* (do grego *Koumetérion*, de *kiomao*, eu durmo e do latim *coemeterium*) designava, a principio, o lugar onde se dormia, quarto, dormitório, pórtico para os peregrinos. Assim, o cemitério passou a ter o sentido de local de descanso, onde repousa o corpo (Borges, 2002, p.128).

Entendemos então que o termo *cemitério*, conforme nos elucida Loureiro, possui o seguinte significado:

A palavra cemitério aplica-se, propriamente, a um lugar em que é dada a sepultura por inumação, por enterramento direto no solo. É, pois, por abuso, por

extensão, de sentido, que é empregada para designar os hipogeus egípcios, os ajuntamentos de sepulturas cavadas na rocha, como na Assíria, na Fenícia e na Índia, os túmulos gregos e outros, os columbários (Loureiro, 1977, p. 28).

Os cemitérios, propriamente ditos, só apareceram em plena Idade Média, quando se enterravam os mortos de categoria dentro das Igrejas e os pobres nos adros, tudo nos limites paroquiais. Ariès afirma que a partir do século V da era cristã o defunto era abandonado à Igreja, que deveria se encarregar dele até o dia da ressurreição, pois: *“os sarcófagos de pedra muitas vezes comportavam, além dos nomes dos defuntos, seus retratos. (2003, p.59)* A partir deste momento a arte funerária evoluiu no sentido de uma maior personalização.

A partir do século XVIII as placas de identificação, algumas com epitáfios, se tornavam cada vez mais comuns. Philippe Ariès relaciona esse fato ao aumento da classe média, representada pelo numeroso índice de artesãos, que se empenhavam por sair do anonimato, e inclusive se preocupando em conservar sua identidade após a morte. (Ariès, 2003, p.62)

Só a partir do século XVII é que se adotou o costume de enterrar os mortos fora dos muros da cidade em sepulcros familiares ou comuns, devido principalmente às primeiras idéias higienistas que surgiam. Toda a família rica ou remediada, possuía seu túmulo, e os monumentos se alinhavam, ordinariamente, ao longo das estradas, nos subúrbios da cidade.

Eram ornados, interiormente, com motivos alegres, pois os mortos não poderiam se juntar aos antepassados, se tivessem pensamentos tristes (Vovelle, 1997, p.351)

Os cemitérios com a feição atualmente conhecida, fora do recinto das igrejas foi, no entanto, um produto de lenta maturação, que eclodiu no século XVIII e por dois motivos: a popularização dos temas de antiguidade greco-romana e a observância dos princípios de higiene.

No Brasil, os cemitérios fora da Igreja surgiram no início do século XIX, quando os médicos, influenciados pelas idéias higienistas européias, começam a intervir nos setores da saúde pública. Conforme elucida a historiadora Amanda Pagoto:

Os corpos mortos eram considerados os principais causadores das várias epidemias que assolavam as cidades ao longo dos anos, portanto, era prioridade afastá-los do convívio dos vivos (Pagoto, 2004, p. 19).

Tudo isso concorreu para que se generalizasse a opinião de que as igrejas não eram o lugar apropriado para manter sepulturas. Essa nova concepção determinou a construção de cemitérios ao ar livre e o mais longe possível do perímetro urbano, em todas as grandes cidades européias, nas décadas que precederam a Revolução Francesa e daí por diante.

O Cemitério Père-Lachaise, em Paris, “assistiu em 1815 à edificação da primeira “capela familiar”, conforme Vovelle nos elucidada (1997, p.354), construção que procurava compensar a proibição de se enterrar os parentes próximos num mesmo canto da Igreja”, como vemos tão freqüentemente nos cemitérios das capitais bem como no interior e litoral do Rio Grande do Sul.

Daí a popularização dos túmulos em forma de capela, tão freqüentes em todos os cemitérios, até mesmo em nossos dias. E, em decorrência, também, da inovação, houve, como na antiguidade, a *sacralização* do morto, que passou a possuir uma aura divina, contrariando os princípios esposados sobretudo na Idade Média, que o considerava, apenas, um repositório esvaziado de seu conteúdo essencial: a alma. A sepultura do defunto começou, então, a ser visitada, para oração e evocação do morto junto a Deus e aos Santos. A própria confecção dos túmulos reflete a nova mentalidade, pois se até a Renascença apenas os nobres e as altas figuras eclesiásticas mereciam túmulos personalizados e com estátuas decorativas, a partir do século XIX a produção em escala industrial popularizou tal uso.



Capela Neoclássica Estilizada, com símbolo da cruz cristã e anjo da saudade. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre. Foto do Autor.

Atualmente também são chamados de cemitérios os conjuntos tumulares verticais, nos quais o morto é depositado numa gaveta, de inspiração nas catacumbas cristãs, as quais possuem um caráter prático devido à falta de espaço nas grandes cidades, bem como a uma procura pela higienização dos locais de enterramentos.

Na atualidade em todas as grandes cidades, os cemitérios ostentam túmulos que são verdadeiras obras de arte, assinadas por escultores de renome.²⁵

²⁵ Como podemos observar através de pesquisas de campo realizadas nas principais capitais do Brasil, como em São Paulo, SP e Rio de Janeiro, RJ.

1.2 - A visão da morte no imaginário funerário

A morte é parte natural da vida que todos deverão enfrentar um dia. Pode-se escolher dois modos de abordar a questão, enquanto se está vivo: escolhendo entre ignorar ou então olhar de frente para a perspectiva da própria morte, pensando claramente nela, e tentar minimizar o sofrimento que traz. (Post, 1996, p.9)

A morte foi e é objeto de estudo nas diversas áreas do saber, sendo que é analisada com maior intensidade pela antropologia e pela filosofia, que são as ciências que mais publicaram obras sobre o assunto. Para um biólogo, por exemplo, a morte é um problema que precisa ser cientificamente pesquisado e investigado, pois é o fim da existência material, que faz parte do processo orgânico da existência. Para as ciências humanas, a morte representa uma análise antes de tudo comportamental, tendo em vista as reações humanas sobre o fenômeno bem como as implicações sociais e psicológicas que ela desperta. (Hertz, 2004, p.213)

Neste sentido percebemos que desde a pré-história²⁶ existe uma preocupação com o destino do cadáver, procurando através dos enterramentos seguir uma série de rituais que, conforme a cultura, o local em que está inserido e seu espaço temporal, indicam as visões da morte em que estas culturas estão baseadas.

²⁶ Calcula-se que os enterros sistemáticos remontam a 100.000 anos A.P., onde na Europa Central se escavou corpos depositados em grutas (Bayard, 2002, p.57).

Ao estudar os cemitérios de Porto Alegre, procuramos problematizar o lugar reservado aos mortos e pensar sobre os múltiplos olhares que os vivos fazem sobre este espaço, pois a transmissão das culturas bem como suas observações sobre as representações da morte reflete modos de pensar e de agir. Neste sentido, as palavras de Henrique Batista nos revelam os diferentes aspectos que podem ser analisados:

Não existe um único modelo de apresentar a morte, pois as atitudes diante da finitude não são as mesmas. E tal não se dá nem mesmo entre os membros de uma mesma camada social, quanto mais entre grupos socialmente opostos (Batista, 2002, p.12).

Com a criação dos cemitérios fora dos espaços religiosos (igrejas) os túmulos passam a representar a lembrança e marca a identidade do morto, já que aparece junto ao nome símbolos religiosos e inscrições que relatam passagens da vida ou mensagens religiosas. Neste sentido começa o chamado “culto aos mortos”. (Ariès, 2003, p.73) A partir do século XVII se observa uma maior preocupação em localizar a sepultura, tendência essa que reforça o sentimento de culto da memória.

Assim, segundo Ariès (2003, p.76), o culto assume um caráter privado, pois se realiza sobre a memória de um ente falecido, mas também assume um caráter público, pois os cemitérios são projetados, a partir do século XVIII como grandes parques, organizados

para a visita familiar e como fonte de veneração de homens ilustres, sendo “museus ao céu aberto”.

Portanto, conforme Vovelle, “*O luto é uma celebração coletiva que tem por finalidade afirmar a presença e a coesão de uma rede familiar pelos menos nesta ocasião*” (1997, p.324). Neste sentido, o autor evidencia que durante os dois primeiros séculos da Idade Contemporânea (Séculos XVIII e XIX) se assistiu à preparação de toda uma rede ou de toda uma constelação de ritos e novos gestos referentes à morte e organizados em torno de dois suportes maiores: a família e a pátria, ou o Estado.

Desse modo, os mortos passam a ter uma importância significativa, pois servem de modelo para os vivos, sendo necessários para a manutenção da idéia de imortalidade dos feitos grandiosos. Os cemitérios passam então a concepção de que o túmulo é a morada dos mortos e como tal deveria reproduzir a morada dos vivos, pois:

A última residência era freqüentemente ligada à maneira de praticar a vida pelos povos a que o defunto pertenceu. (Deffontaines apud Bellomo, 1988, p.18).

Sendo assim, as diferenças sociais foram destacadas em Porto Alegre, pois enquanto os grandes monumentos fúnebres são destinados aos elementos mais abastados e destacados da sociedade, a classe média vai para as catacumbas decoradas com símbolos cristãos e epitáfios e em alguns casos, fotos. Já os pobres são enterrados em covas rasas e

muitas vezes identificados apenas por números (no caso dos indigentes) indicando uma clara perda de identidade (Bellomo, 1988, p.19).

Para fortalecer esta idéia, Vovelle afirma que o século XIX, foi caracterizado pelo “culto aos mortos”, que “*preencheu o espaço vazio deixado pela desagregação da religião estabelecida*” (Vovelle, 1997, p.349). Desse modo, desenvolve-se uma rede de gestos, práticas e rituais coletivos no qual o autor chama de “culto laicizado” que expressa mais sentimentos do que um sistema ordenado. Portanto o culto é mais uma prática de cunho sentimental, pois não possui regras pré-estabelecidas, tanto que elas variam conforme o período, local e cultura analisada.

O culto aos mortos se fortaleceu em 1851, através do “*Interment Act*” (Lei Funerária), que proibiu o sepultamento no interior das igrejas, como Vovelle nos elucida:

A clivagem mais acentuada, de fato, dependeu do modo menos ou mais amplo com que foram interpretadas e aplicadas as medidas que impuseram a visão iluminista nesse domínio, desde o despotismo esclarecido até a legislação do código civil napoleônico em suas imitações européias. (Vovelle, 1997, p.352)

A análise das representações da morte nas obras funerárias nos leva à história da morte. Neste sentido Bellomo afirma que isso leva ao estudo das atitudes coletivas e a

compreender as atitudes das sociedades em relação ao fim da vida, que atinge a todos, independente de classe, cultura e religião (1988, p.21). Desse modo, o cemitério representa uma importante fonte de estudo da civilização e de mentalidades.

Neste sentido é que a necrópole, portanto, não seria a “cidade dos mortos”, mas sim a “cidade dos vivos e dos mortos”, pois expressa os sentimentos sociais que marcam determinadas culturas em determinados períodos de tempo, bem como o contexto histórico em que estão inseridas. Elias nos afirma *“É especialmente para as desconhecidas gerações futuras que aqueles que estão agora vivos se voltam com tudo o que é significativo em suas realizações e criações”* (Elias apud Batista, 2002, p.64).

Aquilo que o homem faz durante a vida é diretamente ligado aos seus laços sociais e familiares, bem como de sua comunidade. Portanto, as representações funerárias estão relacionadas à manutenção da memória individual e coletiva do morto, tanto para fins políticos, culturais, religiosos e ideológicos. Daí a necessidade do culto aos mortos.

O cemitério passa então a ser o centro deste culto, com diferentes representações, sendo fonte reveladora das posições da população local perante a morte. Os epitáfios, as fotos e a decoração das sepulturas revelam como o morto é visto pelo seu grupo familiar e social, geralmente de forma idealizada. Conforme a idade, as visões da morte assumem aspectos diferentes. Assim, conforme Harry Bellomo (2000, p.16) as necrópoles podem ser analisadas como:

- Fonte histórica para preservação da memória familiar e coletiva: Levando em conta que a memória coletiva é fundamental para a formação da identidade e da coesão da família ou da comunidade, a análise das inscrições, fotos, datas, títulos (doutor, comendador, etc.) e dados pessoais ou profissionais, nos leva a conhecer a atuação das várias gerações e o processo histórico local;
- Fonte de estudo das simbologias das crenças religiosas: As inscrições, símbolos, estátuas, pinturas nos mostram a religiosidade local e a relação existente entre religião e morte. Cristos, anjos, crucifixos e estátuas de santos nos revelam a visão cristã e as devoções mais comuns da região analisada;
- Forma de expressão do gosto artístico: As obras de arte funerárias nos revelam muito do gosto artístico vigente na época em que foram compostas, indicando as preferências particulares e públicas;
- Forma de expressão da ideologia política: Muitos túmulos celebram a memória de um personagem que possuía atribuições políticas na sociedade através da estatuária, de inscrições ou textos que representem a ideologia política da época em que foram construídos, com o intuito de ressaltar as qualidades do modelo político em que estavam inseridos e refletir a ideologia oficial do Estado;

- Forma de preservação do patrimônio histórico: Por conter obras funerárias de renomados artistas (como Adolf von Hildebrand, Leone Lonardi, André Arjonas, Décio Villares, entre outros), os cemitérios podem ser uma forma de se preservar o patrimônio histórico-cultural de uma região, tornando-se desse modo “museus ao céu aberto”;
- Fonte de preservação das identidades étnicas: Analisando os nomes das famílias e as fotografias, podemos saber a origem e a etnia dos habitantes da área. No caso, podemos constatar a presença majoritária, nos cemitérios de Porto Alegre, de famílias de origem italiana, alemãs ou lusobrasileiras.

Concluimos, como afirma Bellomo, *“os cemitérios são uma das fontes escritas e não-escritas mais ricas que o historiador tem ao seu dispor para conhecer uma região.”*

(Bellomo, 2000, p. 18).

CAPÍTULO 2 – CEMITÉRIOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Este capítulo inicia com a abordagem do “Cemitério como fonte histórica de preservação da identidade cultural”. Ele apresenta questões referentes aos significados e representações das identidades culturais na sociedade e a forma como os túmulos celebrativos podem definir o cemitério como fonte histórica de preservação da identidade cultural

Em seguida em “Cemitério como Patrimônio Cultural “ mostraremos que os cemitérios devem ser considerados como patrimônio histórico-cultural, já que possuem diversas expressões artísticas, sociais e culturais e desse modo podem ser fontes de estudo para as diferentes áreas do conhecimento, e assim fonte essencial para a formação de uma educação patrimonial.

2.1 - Cemitério como fonte histórica de preservação da identidade cultural

... "Não são os fatos em si que ferem a imaginação coletiva, mas sim o modo pelo qual se lhes apresentam. Os monumentos e as comemorações são, sem dúvida, os meios mais proveitosos, práticos e seguros, para gravar no espírito de um povo as proezas de um herói, a grandeza de um nome ou a importância e o significado de um acontecimento".²⁷

Gustave Le Bon

O cemitério nos permite realizar múltiplos olhares sobre as sociedades, graças às diferentes expressões de identidades culturais particulares e/ou privadas que lá são representadas. Ele apresenta diferentes expressões de linguagem, tanto escritas como simbólicas, devido às diferenciações sociais que lá são identificadas.

O cemitério antes de tudo é uma forma de preservação da memória particular e coletiva dos indivíduos de uma região. Todos os túmulos erigidos são propriamente uma forma de preservação desta memória.

Neste sentido, se faz necessário analisar a relação entre a preservação da memória e a formação de uma identidade. A aproximação entre memória e identidade é tratada por

²⁷ BON, Gustave Le *In* QUEIROZ, Eliana. **Cemitério da Consolação: arte e história imortais**. Disponível na Internet em www.funerariaonline.com.br. Acesso em 08 de maio 2006.

alguns autores que, nessas análises, relacionam memória e tempo, ambos de natureza social e num tempo que também é relacionado à sociedade.

Michael Pollack²⁸, ao caracterizar a relação entre memória e identidade, define que a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente). Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Pollack também define a identidade como a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida da maneira que quer por outros.

A construção da identidade, de acordo com o autor, é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros.

De acordo com Eclea Bosi, em *Memória e sociedade*²⁹ lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. A autora ainda declara

²⁸ POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro: 1992.

²⁹ BOSI, Eclea. Memória e sociedade. São Paulo: T.A. Queiroz - Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

que “*cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que algo ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios*” (Bosi, 1987, p.42).

Já Maurice Halbwachs³⁰ destaca que pela memória o passado vem à tona, misturando-se com as percepções imediatas, deslocando-as, ocupando todo o espaço da consciência. Afirma também que a natureza da lembrança é social e que ela nos aparece por efeito de várias séries de pensamentos coletivos emaranhadas, e se não podemos atribuí-las exclusivamente a estes, ela se torna independente, mas necessita de um apoio por si só para se sustentar.

Para Halbwachs, uma questão fundamental acerca da *memória coletiva*, enquanto fato social seria a sua ancoragem para cada indivíduo. Os homens não só estabelecem elos entre o passado e presente, mas também entre as diversas concepções individuais acerca do passado. Para se ter *uma memória coletiva* é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietário daquela memória (1990, p.43).

Jean-Pierre Vernant³¹ procurou demonstrar o quanto a memória, em seu sentido original entre os gregos, apontava para outras direções que não as que são concebidas no mundo contemporâneo. Pela memória, reconstruímos nosso elo com o mundo, com nossa origem, e menos com uma temporalidade. A memória seria matéria menos de uma

³⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

³¹ VERNANT, J. P. “Aspectos míticos da memória e do tempo”. In: *Mito e Pensamento entre os Gregos*. São Paulo: Difel/Edusp, 1973.

cronologia e mais de uma cosmogonia. Memória e esquecimento seriam fontes nas quais tanto homens quanto deuses haveriam de beber, sendo a segunda marcadamente uma entrada para o “inferno”, para a não superação, e a primeira uma maneira de garantir o tempo cíclico, um caráter mítico em relação ao pertencimento ao mundo desde sempre.

Portanto, podemos definir que a memória construída no presente, a partir de demandas dadas por este e não necessariamente pelo passado em si, pode ser pensada como fator fundamental para a construção de pertencimentos sociais, aos mais diversos níveis associativos. De certa forma, a busca do controle sobre a memória institui uma identidade para o agente social nela envolvido. Assim o cemitério passa a ser um agente de manutenção de memórias que constroem uma identidade cultural.

Entendemos que as expressões funerárias são intimamente ligadas à preservação da memória individual/coletiva, sendo assim importantes objetos de estudo. Muitas obras funerárias são monumentos, e de acordo com Le Goff, a memória coletiva é aplicada a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. Os monumentos são heranças do passado e os documentos do historiador. Para a História o monumento, por ser um tipo de documento que reflete a memória, é uma rica fonte de informação. Trataremos as representações funerárias como monumentos, ou seja, como objetos que nos remete à heranças do passado. A própria origem da palavra monumento já representa o sentido de memória:

A palavra latina monumentum remete para a raiz indo-européia men, que exprime uma das funções

essenciais do espírito (mens), a memória (menini). O verbo monere significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. (...) Mas desde a Antiguidade romana o monumentum tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco do triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte. (Le Goff, 1994, p.535)

Assim, desde a sua origem, o sepulcro pode ser considerado um monumento, portanto memória. Estudá-los significa interpretar o contexto em que estão inseridos. Assim, o cemitério é considerado também como lugar de memória onde são erguidos túmulos que portam significados que representam a expressão de sentimentos individuais ou públicos.

Esta idéia está presente nos documentos criados para a construção da memória nacional. E o documento, como diz Le Goff, não é alguma coisa que fica por conta do passado. É produto da sociedade que o fabricou, segundo relações de força, onde mais uma vez se apresenta a questão do poder(1994, p.545).

Neste sentido podemos definir que a expressão da memória nos cemitérios se dá através de símbolos, observado em diferentes formas, encontrados nos túmulos, sendo as mais usuais³²:

- Os epitáfios – inscrições feitas de diversas formas (esculpidas, pintadas, grafadas ou coladas nas lápides), que expressam uma ou mais idéias ou conceitos do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, neste sentido pode ser considerado como um objeto que representa a identidade cultural de uma determinada região em uma determinada época, indicando um ponto de vista particular ou público;
- As esculturas – As obras escultóricas contidas nos cemitérios apresentam diversos temas, sendo que em geral a temática predominante é a religiosa. Encontramos crucifixos, santos, símbolos diversos e alegorias. As temáticas invariavelmente refletem o gosto de uma época, pois encerram em si uma iconografia repleta de representações estereotipadas, como reflexo de uma atmosfera coletiva (Borges, 2002, p.162).

Estes sistemas de símbolos fortalecem a representação da identidade cultural fortalecendo a construção de uma memória individual/coletiva. Conforme Pierre Nora³³, a *memória*, que tradicionalmente conferia às sociedades suas identidades sociais, teria sido

³² Utilizaremos os epitáfios, as fotografias e as esculturas para analisar os cemitérios de Porto Alegre, no capítulo 3.

³³ NORA, Pierre. O retorno do fato”. In: LE GOFF, J. e NORA, P. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

“seqüestrada pela história”, sendo que a primeira seria “a vida”, e a segunda sempre uma “construção problemática e incompleta do que já não existe”. O historiador tenderia ao universal, enquanto o cuidado com a memória remeteria ao concreto, ao que se vincula espacialmente à determinada realidade. A História, segundo o autor, vai transformar a memória em objeto de uma “história possível”.

Por isso, segundo Nora, será preciso criar lugares de memória para que a memória exista em algum lugar. Por isso é preciso pensar a institucionalização dos lugares de memória como um entrecruzar de dois movimentos: de um lado, uma transformação em termos de reflexão por parte da História; de outro, o fim de uma tradição de memória. O lugar de memória é, portanto, um marco de transição entre dois eixos. Em suas dimensões concretas, tais lugares vão remeter a museus, arquivos, cemitérios, tratados, entre outros signos de rememoração. Assim, no momento em que uma tradição da memória enquanto processo experimentado e vivenciado coletivamente começa a se esvaír, é preciso criar marcos para ancorar essa nova memória (Nora, 1988, p.83).

Assim, a história institucionaliza e oficializa a memória e, conforme Nora, já não produzimos mais memória, mas história mesmo. Ela requer indícios, vestígios, não basta mais ser um rememorar pela palavra, é preciso o dado concreto do registro. Daí, para Nora, a obsessão contemporânea pelo arquivo. A partir da concepção de Nora de que os *lugares de memória* podem ser pensados nos três sentidos da palavra, ou seja, tanto material, quanto simbólico e funcional, podemos considerar os meios de comunicação de massa como *lugares de memória* da sociedade contemporânea. Mais precisamente: seriam eles

com certeza espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea.

Os cemitérios para o historiador devem ser pensados como *lugares de memória* pois ao focar o ato de "lembrar o morto" envolvendo um ritual coletivo "a sociedade expõe relatos de personalidades que desempenham um duplo papel na construção póstuma: de um lado, servem para demonstrar a perenidade do morto e de sua obra e, de outro, servem para atualizar o valor simbólico de vivos e mortos. Essa "construção" das personalidades são realizadas através da representação das mesmas por epitáfios, fotografias e esculturas, contendo muitas vezes significados simbólicos.

Muitas expressões simbólicas contidas nos cemitérios são iconográficas, representando a história do sentimento religioso. Esses sistemas de símbolos expressam identidades coletivas que estão diretamente associadas ao contexto histórico de determinadas regiões. Para Áries, a visita ao cemitério foi e ainda é o grande ato permanente da religião. Aqueles que não vão à igreja vão ao cemitério, aonde evocam o morto e cultivam sua lembrança. (Áries, 2003, p. 75)

A análise das representações culturais coletivas levou a diversificação das fontes, pois os elementos iconográficos têm uma importância tão grande quanto o discurso formal, como afirma Vovelle:

De certo modo, a indagação sobre o popular levou à diversificação de recursos, relativizando o

primado do escrito e valorizando outras fontes, tais como o documento oral e a iconografia. (Vovelle, 1997, p. 17)

Desse modo, o cemitério passa a ser uma fonte rica de elementos que testemunham, relatam e contribuem para construir o contexto de determinadas sociedades, contextualizadas em um espaço-tempo. As imagens e escritos lá representadas são um reflexo das representações coletivas diante das diferentes manifestações sociais, culturais e políticas do mundo dos vivos. Essa idéia é confirmada por Fernando Catroga:

Para representar o seu papel, o cenário cemiterial tinha de ser predominantemente simbólico. Todavia, esta verificação tem de ser interpretada com cautelas. É que, nesta trama, a função metafísica está intimamente colada às suas implicações sociais (...). (Catroga, 1999, p. 112)

Conforme Vovelle (1997, p.339), houve na Europa uma idade de ouro do cemitério, pois durante quase um século, de 1830 a 1920, a cidade dos mortos foi terreno de surpreendente proliferação das produções do imaginário coletivo: a arquitetura e a estatuária refletiram profusamente a intensidade do investimento coletivo no cemitério. Entre 1860 e 1930: foi a época da proliferação dos jazigos perpétuos, quando também, “*a família burguesa, em filas cerradas, se aglomerou dentro desse hábitat póstumo; época das capelas e monumentos funerários.*” (Vovelle, 1997, p.328)

Este sentimento de preservação da memória através das representações funerárias é observado em Portugal a partir da segunda metade do século XIX, onde em 1868 é lançada em Lisboa uma revista dedicada à preservação da memória dos falecidos, a “*Revista dos Monumentos Sepulchraes*”³⁴ Conforme trecho citado por Batista:

“O túmulo é o cofre em que se arrecadam as preciosas cinzas do heroe, do benemérito da pátria, do sempre chorado chefe de família etc; enquanto que o monumento ostensivo, formado de magestoso pedestal de mármore sobre o qual compêa a imponente estatua de bronze, que representa o heroe que a vaidade dos homens pretende legar aos vindouros, não passa de um mero capricho.” (Revista dos Monumentos Sepulchraes, 1868, p. 3. in: Batista, 2002, p.62.)

No Brasil, durante o período colonial, a tradição determinava que os mortos fossem enterrados nas igrejas. A morte era vista de uma perspectiva de humildade, portanto, os túmulos depositados nas igrejas eram muito semelhantes: uma inscrição, uma lápide ou um brasão da família do morto eram suficientes.(Bellomo, 1994, p.64)

³⁴ Essa informação está contida na obra de Henrique Sérgio Batista, *Assim na Morte como na Vida: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866 – 1915)*.

No início do século XIX começaram a aparecer os túmulos mais significativos no Rio de Janeiro, destinados a Família Real. Após a independência, com a proibição de sepultamentos em igrejas, surgiram os cemitérios com túmulos cada vez mais grandiosos. Tanto a aristocracia como a crescente burguesia começou a adornar seus túmulos com estatuária.

De acordo com Bellomo, a aristocracia gaúcha não via necessidade de enfeitar em demasia seus túmulos. Apenas capelas com lápides no interior, registrando os nomes dos falecidos, e com o seu brasão esculpido, símbolo suficiente de “status” da nobreza. (1994, p.64)

O aumento da produção de estatuária cemiterial está relacionado com o desenvolvimento da economia gaúcha, no final do século XIX, onde a burguesia começa a se capitalizar.

Os túmulos dos cemitérios de Porto Alegre, devido à influência da colonização portuguesa, bem como do materialismo científico resultante dos governos positivistas, representam a idéia de manutenção da memória do falecido e de suas boas qualidades, sentimentos indicados através da estatuária, de símbolos, de epitáfios e de fotos. Assim, a necrópole não é somente um espaço de memória, mas também de representações artísticas.

Essa memória é preservada na construção de túmulos, sendo que em muitos casos, são feitos monumentos em homenagem ao falecido contendo diversas representações simbólicas que remontam não só à construção da identidade do morto, mas também ao

contexto em que estava inserido, fornecendo dessa maneira diversas informações valiosas sobre a história de uma região em uma determinada época.

Portanto, os túmulos traduzem de maneira muito mais sugestiva, seu reflexo no imaginário coletivo do grupo, a começar pelo que a propósito disso era percebido e condicionado segundo o espírito da época.

2.2 – Cemitério como Patrimônio Cultural

“Uma nova visão do Patrimônio Cultural Brasileiro em sua diversidade de manifestações, tangíveis e intangíveis, consagradas e não consagradas, como fonte primária de conhecimento e aprendizado[...] ou ainda como instrumento de motivação, individual e coletiva, para a prática da cidadania, o resgate da auto-estima dos grupos culturais, e o estabelecimento de um diálogo enriquecedor entre as gerações.”(Horta, 1999, p.5)

A Educação Patrimonial, interpretada por Maria de Lurdes Horta (1999, p.6) como *“um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”*, torna-se um poderoso instrumento no processo de reencontro do indivíduo consigo mesmo, resgatando sua auto-estima através da revalorização e reconquista de sua própria cultura e identidade, ao perceber seu entorno e a si mesmo em seu contexto cultural como um todo, transformando-se em principal agente de preservação. Segundo Horta, o *“conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania”*.

Neste sentido a valorização do patrimônio cultural³⁵ brasileiro depende, necessariamente, de seu conhecimento, e a sua preservação, do orgulho que possuímos de nossa própria identidade.

A Educação Patrimonial pode ampliar e enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, extrapolando os muros da escola e também dos museus, bibliotecas e arquivos, num processo de descoberta em que alunos, professores, pais, avós e toda uma comunidade podem estar envolvidos. Como propõe Paulo Freire (2003 ,p.81), uma *“alfabetização cultural” que capacite o aprendiz, enquanto cidadão, a melhor entender sua identidade cultural e a se “apropriar”, afetivamente e conscientemente, de seus valores e marcas próprias, de seu “patrimônio” pessoal e coletivo.*

³⁵ Entende-se por Patrimônio Cultural o conjunto de bens denominados histórico, culturais e naturais, que pertençam a uma nação ou um povo.

Uma questão importante na educação patrimonial é desfazer a relação de que patrimônio só existe nas cidades históricas ou distantes de nós. O patrimônio deve ser pensado como parte do cotidiano, como algo vivo e dinâmico. A própria concepção de patrimônio cultural, elaborada por Gonçalves nos elucidada:

Nos últimos anos, antropólogos e historiadores têm realizado estudos sobre "objetos" e "coleções", e seu uso simbólico para construir identidades pessoais e coletivas na moderna história cultural do Ocidente. Objetos de vários tipos são apropriados e visualmente dispostos em museus e em instituições culturais com a função de representar determinadas categorias culturais: os primitivos, o passado da humanidade, o passado nacional, etc. Os chamados patrimônios culturais podem ser interpretados como coleções de objetos móveis e imóveis, através dos quais é definida a identidade de pessoas e de coletividades como a nação, o grupo étnico etc. (1988, p.266)

A partir do momento que o cemitério passar a ser considerado um Patrimônio Cultural, ele não se limita mais somente ao seu valor econômico ou à idéia de ser propriedade de alguém ou de um grupo, mas sim como pertencente a uma comunidade, que

lhe atribui valor e importância e deve preservá-lo em sua integridade e diversidade, para sua própria perpetuação.³⁶

Preservando-se os cemitérios, guarda-se a identidade cultural de um povo, seus meios de existência e todas suas criações e manifestações criando um conceito mais profundo, o da cidadania, que se explica no sentimento de pertencer a um grupo, comunidade, povo ou nação.

Como a atividade turística surge e cresce em torno de bens culturais, o patrimônio deve e pode gerar dividendos, revertendo-se os recursos obtidos para a sua conservação, melhoria e verdadeira preservação. Esses dividendos não são apenas financeiros, mas também sociais e culturais, propiciando uma conservação consistente e um aproveitamento prático desses bens.

O que realmente importa é que, a partir do tombamento e reconhecimento oficial, esse Cemitério passou a ser considerado em seu potencial de preservação e utilização mais

³⁶ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) já tombou os seguintes cemitérios:

- Cemitério de Joinville (SC);
- Cemitério N. Sra. Da Conceição. (Vassouras, RJ);
- Cemitério de Arez (RN);
- Cemitério do Batalhão (Campo Maior, PI);
- Cemitério N. Sra. Da Soledade. (Belém, PN);
- Cemitério do Convento da Igreja Sta.m. dos Anjos (Cabo Frio, RJ);
- Cemitério N. Sra. Do Carmo (Sabará, MG);
- Cemitério N. Sra. Do Carmo (Ouro Preto, MG);
- Cemitério S. Francisco de Assis (Ouro Preto, MG);
- Cemitério N. Sra. Do Carmo (São João Del Rey, MG).

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br>. Data: 02/06/2006. Hora: 11:40hs.

adequada. Invariavelmente, poderá receber recursos para sua restauração, conservação, manutenção e preservação, o que facilitará a sua visitação turística.

Uma vez tombado, o Cemitério passa a ser protegido, por força da lei, de alteração, demolição (total ou parcial), destruição, protegendo-o da ação especulativa e de interesses puramente econômicos³⁷. Desse modo, seria mais adequado que, além da restauração e manutenção, houvesse uma reestruturação do espaço que levasse a uma utilização mais eficiente e concreta, fato que geraria maior desenvolvimento econômico para a região, já que poderia ser utilizado como ponto turístico, devido às grandes obras inseridas no espaço cemiterial.

Portanto, conforme nos evidencia a lei, a preocupação em assegurar a preservação da identidade e da memória é um direito da sociedade e o cemitério representa um bem material que possui como principal característica a preservação da memória.

Monumentos fazem parte do patrimônio cultural de um povo ou de uma nação, eles servem como um elo entre presente e passado dando um sentido de continuidade. A preservação do patrimônio pressupõe um projeto de construção do presente, e por isso vale a pena na medida em que este patrimônio esteja vivo no presente, vivo para que as pessoas que o cercam possam de algum modo usufruir dele.

³⁷ Constituição Federal Brasileira de 1988, onde lemos no Art. 216 que: “*Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira*”.

O patrimônio cultural, as cidades e os monumentos históricos passaram a ocupar lugar de destaque na vida cotidiana e na economia da sociedade moderna. O Estado participa ativamente deste movimento de valorização porque a ele cabe, na maioria das vezes, a decisão sobre o que será preservado através das ações de tombamento conduzidas em nível federal, estadual ou municipal. "Não é jamais por um mero valor intrínseco que um bem é preservado, mas por um valor que lhe é atribuído. Não é um discurso da sociedade, mas para ela e que revela os pensamentos do grupo que classificou, inventou e inventariou bens"³⁸(Lemos, 1982, p.16.).

Por preservar a história, a memória das pessoas, instituições e da comunidade, os túmulos devem ser considerados patrimônio histórico, além de fonte para o passado, porque fazem sentido em nosso cotidiano.

³⁸ LEMOS, Carlos A. C. O que é Patrimônio Histórico. 2º ed.. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAPÍTULO 3 – CEMITÉRIOS DE PORTO ALEGRE

Para se compreender a relação entre as diferentes expressões das identidades culturais contidas nos cemitérios em seu devido espaço/tempo, devemos conhecer o contexto histórico em que as obras funerárias foram produzidas, bem como os modelos culturais existentes na época.

Os túmulos analisados foram construídos entre os anos de 1889 e 1930, que averiguamos ser um período rico na construção de obras tumulares. Na primeira república, face à influência do materialismo cientificista, houve a construção de grandes túmulos que expressam a ideologia positivista, somado ao período referente à chegada das últimas levas de imigrantes, facilitando uma análise da preservação da memória identitária desta época.

Neste capítulo trataremos inicialmente do contexto histórico positivista que influenciou muitos túmulos contidos no Cemitério da Santa Casa para, a seguir, indicar as influências da cultura alemã em Porto Alegre, observando os túmulos inseridos no Cemitério Luterano Luterano Evangélico.

3.1 – Porto Alegre: contexto e cemitério

De acordo com Bellomo, os monumentos porto-alegrenses aos mortos começam a aparecer no século XIX, na forma de pequenas capelas funerárias nas quais aparecem apenas alguns símbolos religiosos, como crucifixos. Somente a partir do início do século XX que os monumentos fúnebres aparecem com maior frequência (Bellomo, 1988, p. 19-20).

Este fato se relaciona com o desenvolvimento da economia gaúcha, no final do século XIX bem como ao incentivo dado às artes pelo governo positivista.

Com o desenvolvimento dos meios de transporte, o interior da região sul ligou-se a economia nacional, via Porto Alegre, gerando uma integração econômica tendo efeitos imediatos na acumulação de capitais e conseqüentemente, melhoramentos urbanos, como o fornecimento de água encanada e a iluminação pública (Doberstein, 2002, p.38).

Com a República (1889) a modernização recebeu maiores estímulos, pois a política de crédito fácil conhecida como “encilhamento” proporcionou a instalação e ampliação de diversas indústrias no Estado, criando assim uma classe fortemente capitalizada.

Neste contexto de acumulação de capitais e modernização do Estado, os republicanos positivistas que assumiram o poder político, baseados no modelo elaborado por Augusto Comte, implantavam o chamado “progressismo positivista”.

As doutrinas positivistas chegaram ao Rio Grande do Sul através da influência dos militares que cursavam a Escola Militar do Rio de Janeiro, no final do século XIX, em que a pregação dirigida por Benjamin Constant era intensa. Entre os prosélitos, desatacou-se a figura de Júlio de Castilhos, identificado com as premissas republicanas, antiliberais, tradicionalistas, patriarcais e anti-socialistas, combinando o caráter autoritário do positivismo com o caudilhismo rio-grandense, que possivelmente exacerbou a doutrina positivista (Bellomo, 1993).

A doutrina positivista surgiu no século XIX, criada e divulgada por Auguste Comte e caracterizada como uma filosofia burguesa liberal, ao mesmo tempo conservadora e progressista. Dentro das premissas da doutrina, a humanidade está em permanente evolução em direção ao progresso, porém dentro de uma ordem preestabelecida, cujas infrações são percebidas como negativas. Por isso, o positivismo é anti-revolucionário.

Havia uma opção pela ditadura republicana, percebida como única forma de governo capaz de atingir os objetivos propostos. O indivíduo só existiria no coletivo. O artista, portanto, deveria conferir aos líderes da comunidade a imortalidade da arte, que teria como objetivo aprimorar o caráter dos indivíduos, por meio da educação moral, da exaltação da coragem, da prudência e da firmeza. Assim, o positivismo pensava atingir a moralização das instituições e fornecer às gerações futuras elementos morais, através de figuras exemplares.

Os relatos mais antigos com relação aos sepultamentos em Porto Alegre descrevem o terreno no qual se situou por muitos anos a antiga praça da Harmonia, às margens do rio Guaíba, como o local do primeiro cemitério na primitiva povoação do Porto dos Casais, fundada pelos açorianos (Coruja, 1983; Franco, 1993).

A partir do ano de 1772, os sepultamentos passaram a ocorrer no cemitério da Igreja matriz e inclusive dentro da própria igreja. O cemitério estendia-se desde os fundos da antiga matriz, na rua Duque de Caxias, até a rua do Arvoredo, hoje Coronel Fernando Machado. Nos terrenos da Igreja das Dores também foram sepultados diversos irmãos da antiga ordem religiosa. Porém, a principal necrópole da época foi a da Igreja da Matriz, que chegaria superlotada ao ano de 1850. Não tardou que esse cemitério fosse envolvido pela expansão da vila, passando a gerar repetidas preocupações de natureza sanitária. Em 1801, lê-se em ata da Câmara que "se escreveu uma carta ao vigário desta freguesia para não se enterrarem corpos nesta matriz por um tempo de seis meses, pela representação que esta Câmara fez ao cirurgião-mor pela epidemia que tem havido" (Franco, 1993).

Esses episódios são contemporâneos a várias epidemias que ocorreram na cidade no século XIX. Uma delas, que assolou a província de Rio Grande em 1855, ocasionou a mortandade de 10% da população de Porto Alegre, principalmente de escravos e setores mais pobres, cujas condições sanitárias eram deploráveis. Foram tomadas várias medidas sanitárias, inclusive matança e enterramento de cães vadios. Em 1874, ocorreu uma epidemia de varíola na capital.

No início do século XIX, a cidade de Porto Alegre possuía 3.927 habitantes e apenas uma enfermaria, que abrigava os doentes com verbas da caridade pública. A necessidade da criação de um hospital era evidente, sobretudo para tratar a população carente, e não foi difícil obter a concessão para se abrir um hospital de caridade. A pedra fundamental foi lançada em 1803, e a inauguração das primeiras enfermarias deu-se em 1826.

Surgiu assim a Santa Casa de Misericórdia, no início com uma função assistencial, de acordo com os estatutos das instituições portuguesas congêneres, pelas quais se regia. Sua finalidade principal era dar atendimento aos pobres — na doença, no abandono e na morte —, abrigando além dos enfermos, os abandonados, crianças e velhos, os separados, criminosos, doentes e os excluídos do convívio social, como os doentes mentais (Mauch, 1994). Um dos objetivos da Santa Casa era dar abrigo aos mortos através da construção do cemitério.

Por volta de 1840, o cemitério da antiga matriz encontrava-se completamente lotado, não se observando as normas sobre profundidade das covas e sobre o espaço intermediário entre elas. Além disso, não havia indicações sobre a data das inumações, o que levava a serem desenterrados cadáveres ainda em estado de putrefação. (Bellomo, 1988, p. 191)

Quando o Barão de Caxias, na época presidente da província, publicou seu relatório anual de 1846, fez citações alarmantes com relação ao antigo cemitério, ao qual não faltavam "a porta da sacristia fechada, cadáveres de escravos mal amortalhados e

foçados pelos cães errantes" Em certo trecho afirmava ele: "tão pequeno cemitério mas apinhado de cadáveres, cuja exalação, tão sensível ao olfato em dias calorosos, era quase suficiente para pejar o ar de partículas deletérias". E concluía: "para extinguir o escândalo e esse foco de miasmas, não julguei dever esperar mais. Fiz com que a Santa Casa se incumbisse da edificação de um novo cemitério fora da cidade, em lugar escolhido por uma comissão de pessoas entendidas." Foi nessa época que se designou o local denominado Alto da Azenha para abrigar o novo cemitério (Meneghel, 2003, p.6).

No Rio Grande do Sul, durante o Segundo Reinado (1840-89), a nobreza local, cujos jazigos encontram-se no Cemitério da Santa Casa, não reafirmou o seu status social com túmulos monumentais, ao contrário da aristocracia do restante do país.

O apogeu da arte funerária em Porto Alegre aconteceu entre 1900 e 1940, período de expansão industrial, comercial e econômica da cidade e do apogeu do governo positivista de Júlio de Castilhos, também denominado ditadura científica positivista. Fazia parte do pensamento do governo positivista desta época o patrocínio de monumentos públicos e jazigos monumentais, entre os quais se podem citar os monumentos funerários de Júlio de Castilhos e Pinheiro Machado . Em geral, essas sepulturas foram financiadas pelo governo estadual, por corporações e entidades empresariais.

De acordo com Bellomo (1994, p.67) registrou-se entre o período que vai de 1900 a 1940 uma notável expansão da estatuária em Porto Alegre, ocasionando o surgimento de

7 firmas especializadas na construção destes monumentos³⁹, fato que se entende face à expansão econômica pela qual a região passava.

Procuramos, portanto, evidenciar a importância do cemitério como fonte histórica dos aspectos da cultura regional, e desse modo ressaltar sua importância como patrimônio histórico, pois lá se encontram obras de renomados artistas plásticos, bem como túmulos de personalidades de relevância para história do Rio grande do Sul e brasileira. As lápides também podem ser consideradas como fontes de registros documentais importantes, contendo as mesmas informações que um arquivo público, pois constam datas de nascimento e morte, bem como nomes completos, origens étnicas, locais de nascimento, entre outras informações.

³⁹ Ateliers de Galvanoplastia de João Vicente Friederichs;
Firma Irmãos Piatelli;
Firma Lonardi, Teixeira & Cia;
Firma Irmãos de Angeli “A Graniteira”;
Firma Bertagna e Keller;
Firma José Floriani Filho;
Casa Aloys.

3.2 – O Cemitério da Santa Casa de Misericórdia⁴⁰

A Irmandade da Santa Casa surgiu a partir da organização de casas hospitalares, que em Porto Alegre, foram fundadas em 1803, sendo inaugurado em 1826 (Bellomo, 1988, p. 191).

Nas primeiras décadas do século XIX, o cemitério de Porto Alegre estava situado atrás da catedral, onde hoje se situa a Cúria Metropolitana. Em 1842, devido a lotação do local, foi adquirido pelo então Barão de Caxias uma área no Alto d Azenha.

O novo cemitério foi inaugurado em 1850. E entre esta data e 1880 já haviam sido sepultadas trinta mil e trezentas pessoas, já que era o único cemitério da cidade (Bellomo, 1988, 192).

⁴⁰ Os histórico dos cemitérios pesquisados foram elaborados por Bellomo, quando pesquisou a documentação primária nos arquivos públicos, durante a elaboração da dissertação de mestrado em História intitulada A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900 -1950).

Atualmente, o cemitério possui 11 hectares de área, contado com galerias para os sepultamento em gavetas, área nobre para os jazigos e monumentos funerários, área para os sepultamentos comuns e local para túmulos de indigentes.

3.2.1 - Os túmulos positivistas

Iniciaremos nossa análise através dos túmulos que expressam a ideologia política do positivismo através de esculturas, epitáfios e símbolos que indicam o modelo vigente no contexto de Porto Alegre, entre o final do século XIX e início do XX.

Para os positivistas, o indivíduo só existe no coletivo, portanto os túmulos devem representar a vida social ligada a comunidade, sendo assim imortalizados pela arte. Assim, as obras tumulares buscam aprimorar o caráter dos indivíduos representados, através da exaltação da coragem, prudência e firmeza. Só através da educação moral o positivismo pensa atingir a moralização das instituições (Bakos, 1982, p.89).

Júlio de Castilhos morreu em 1903, e seu túmulo⁴¹, construído pelo escultor Décio Vilares, é formado por uma pirâmide com uma águia no topo, simbolizando a força sustentadora (no caso, a ideologia positivistas), contendo a inscrição "A Júlio de Castilhos, o Rio Grande do Sul" e a máxima positivista "Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos". Além disso, é bem evidenciado o escudo do estado e o lema Ordem e Progresso. Na base da pirâmide, uma alegoria feminina sentada representa a pátria, segurando na mão direita a bandeira nacional e, na esquerda, uma coroa de louros e o escudo do Rio Grande do Sul

⁴¹ Figuras 1,2 e 3.

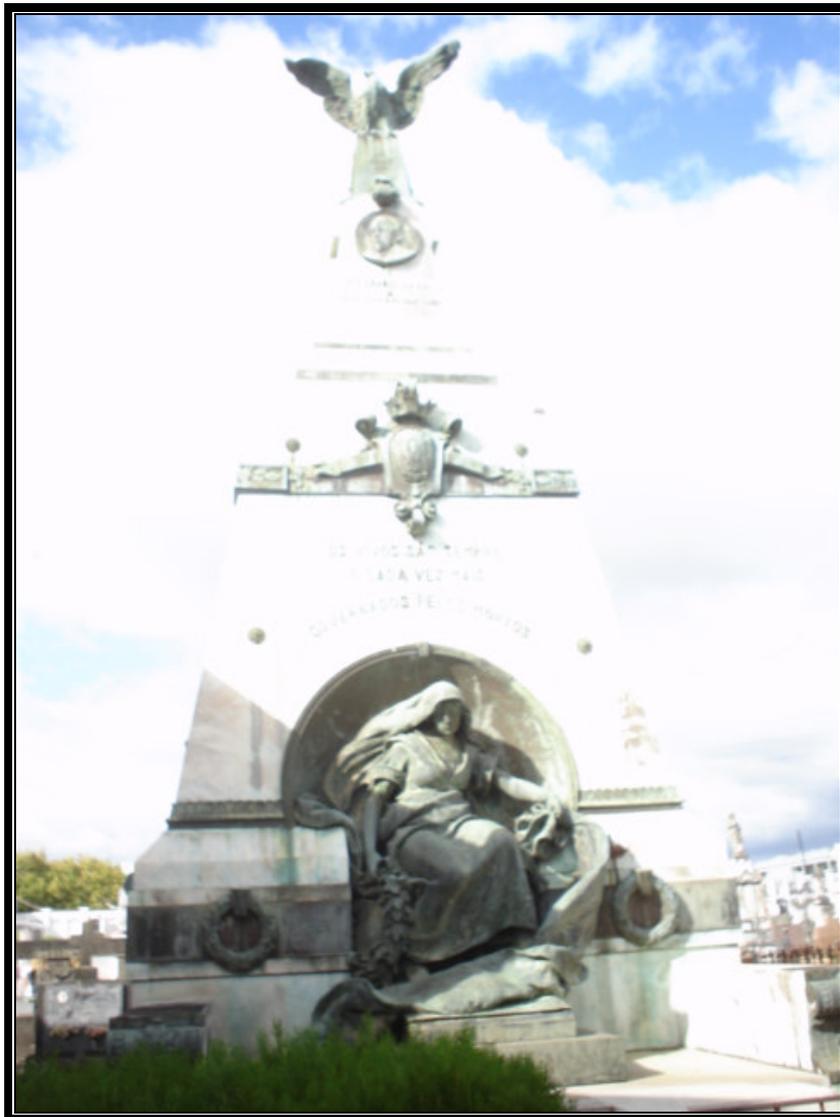


Figura 1

Julio de Castilhos
Conjunto tumular inteiro
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor



Figura 2

Julio de Castilhos
Detalhe do epitáfio positivista:
*“Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos
mortos*
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor



Figura 3

Julio de Castilhos
Detalhe da alegoria da pátria:
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

O conjunto tumular do senador Pinheiro Machado (assassinado no Rio de Janeiro em 1916, supostamente por adversários políticos), organizado pelo governo de Borges de Medeiros, foi uma verdadeira apoteose positivista. O túmulo, obra do escultor Pinto do Couto, é considerado o mais monumental de Porto Alegre. Observamos duas idéias básicas do positivismo: A do político republicano e do herói da história. O escultor representa Pinheiro Machado morto (figura 4), com o peito à mostra (fazendo uma analogia à Júlio César) sobre um leito romano, coberto pela bandeira nacional, tendo ao lado a pátria republicana, representada por uma jovem com um barrete frígio, fazendo um gesto protetor. Acima dela um vaso com o fogo fátuo, simbolizando a perpetuação da memória.



Figura 4
Pinheiro Machado
Conjunto Tumular inteiro
Cemitério da Santa Casa -Foto do Autor

Aos pés do leito, uma mulher representa Clío (figura 5), a musa da história, registrando a vida do morto em seu livro e apontando o herói celebrizado como exemplo para as novas gerações, simbolizadas por um grupo de crianças. Baixos-relevos (figuras 6 e 7) mostram cenas de culto cívico e a marcha da humanidade. Um dos baixos-relevos mostra um casal realizando um ritual cívico no altar da pátria. Outro mostra uma procissão de figuras desnudas em torno da palavra imortalidade (Bellomo, 1993).



Figura 5 - Pinheiro Machado
Detalhe da Musa Clío escrevendo e as novas gerações em frente
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor



Figura 6 - Pinheiro Machado
Detalhe do culto cívico
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor



Figura 7 - Pinheiro Machado
Detalhe da procissão
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

O conjunto tumular foi concebido ideologicamente dentro do espírito positivista, utilizando a simbologia alegórica típica dessa corrente de pensamento. A imortalidade é percebida como a conservação da memória do líder morto, símbolo e modelo para as gerações futuras. Estes monumentos, sem dúvida, corporificam um dos lados da desigualdade — o morrer da classe dominante.

3.2.2 – Túmulos de influência greco-romana e egípcia

Os túmulos⁴² estudados surgem, inicialmente, na Europa, a partir do final do século XVIII e perduram com relativa significância até as primeiras décadas do século XX. Estes foram inspirados na arte antiga, ocasionado pelas descobertas arqueológicas, feitas principalmente no Egito, Grécia e Roma, junto com a criação de museus a partir século XVIII, que causou um forte impacto estético na cultura Européia. Uma outra razão é a influência deixada pelos períodos artísticos conhecidos como Romântico e Neoclássico (Araújo, 2000, p. 266).

⁴² Analisamos este fato entre as partes mais ricas da sociedade, pois a construção de suntuosos túmulos necessitava de um grande investimento. Deve-se frisar que esta pesquisa visa analisar a simbologia da arte antiga utilizada nos monumentos funerários e como esta representa uma identificação cultural de determinado período, e que não pretendemos identificar por que determinadas famílias escolheram esses símbolos para seus túmulos, pois dessa maneira estaríamos realizando uma micro-história das mentalidades, fugindo do tema proposto.

Além da influência destes períodos artísticos, a sociedade em geral sofreu um forte surto cultural provocado pelas novas pesquisas sobre a Antigüidade iniciadas com a Expedição de Napoleão ao Egito, no final do século XVIII, iniciando a “Redescoberta do Antigo Egito”.

Em meados do século XIX, essas explorações arqueológicas tornaram-se “moda”, sendo que na verdade, além de ser uma atividade científica, eram uma diversão e caça ao tesouro, pois ligado a isso, surgem diversos museus para acondicionar e exibir essas peças muitas vezes saqueadas de seus países de origem.

A exposição em museus colocou o mundo antigo em direto contato com o público, e isso passou a influenciar os costumes da época. Criou-se assim um modismo que logo se espalhou pelo mundo. Essa moda chegou à América através de livros de design e publicações sobre arqueologia, trazendo uma série de conhecimentos e compreensão sobre a cultura Egípcia, o que ocasionou uma enorme popularidade sobre o Egito. A cultura popular começou a assimilar essa influência, principalmente com a criação de grandes obras teatrais e musicais que mostravam como viviam as antigas culturas, como a ópera “*Aída*”, do compositor italiano Verdi, composta no final do século XIX (Araújo, 2004, p. 45).

No início do século XX, após vários anos de pesquisa, foi descoberto pelo arqueólogo Howard Carter, no Vale dos Reis, o túmulo do faraó Tutancamon. Esta descoberta era inédita na ciência, pois o túmulo estava intacto, não tendo sido roubado

pelos ladrões de tumbas, pois havia sido encoberto por outro túmulo em ruínas. Havia todo o tesouro do faraó, além de diversos objetos de uso pessoal, principalmente o seu sarcófago, que estava intacto, contendo a múmia do falecido soberano. Tudo isso enriqueceu mais ainda o estudo sobre o Egito Antigo.

Este fato despertou ainda mais o interesse sobre a Antiguidade, verificando-se a influência das descobertas arqueológicas no vestuário, na decoração, na literatura, no cinema e na pintura.⁴³

Essa moda surge no Brasil inicialmente nos grandes centros urbanos da época, ou seja, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nesses locais os túmulos aparecem em maior quantidade entre as décadas de 1910 e 1920 do que no resto do país, onde só a partir da década de 20 demonstra uma maior concentração dessas obras funerárias. Normalmente, aquilo que era moda na Europa levava certo tempo para “desembarcar” no novo mundo, muito provavelmente ocasionado, dentre outros fatores, pela demora nas comunicações entre os continentes, pois não podemos esquecer que estamos nos referindo ao final do século XIX e início do século XX.

Nos cemitérios de Porto Alegre, percebemos uma influência mais forte dos túmulos de inspiração neoclássica⁴⁴, muito devido à influência do positivismo.

O túmulo que mais apresenta elementos egípcios é o da família Mostardeiro, que se assemelha a um pequeno templo, sendo que na entrada, ao alto, está esculpido a serpente alada (Uraeus, protetor do faraó) junto da ampulheta, símbolo da passagem do tempo. Ao

⁴³ Vemos como exemplo de influência no cinema o filme *Cleópatra*, estrelando no papel a atriz Teda Bara; nas Artes o pintor Gustav Klimt, que utilizava elementos egípcios nos seus quadros.

⁴⁴ O **Período Neoclássico**, com sua estética de lógica geométrica, pureza de linhas e de força, encontrou na arquitetura greco-romana e egípcia, aspectos sólidos, massivos e primitivos.

lado da base, vemos dois pequenos suportes de flores de bronze onde está esculpido o deus egípcio Osíris. (Figuras 8, 9 e 10)

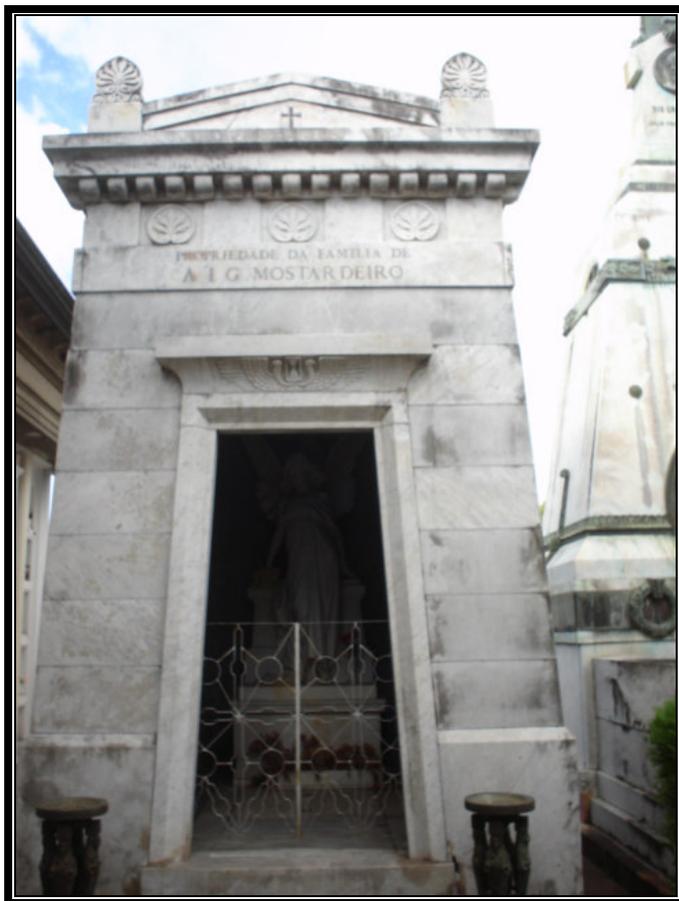


Figura 8 - Túmulo da Família Mostardeiro
Conjunto tumular inteiro
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor



Figura 9 - Túmulo da Família Mostardeiro
Detalhe da serpente solar alada e da ampulheta
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

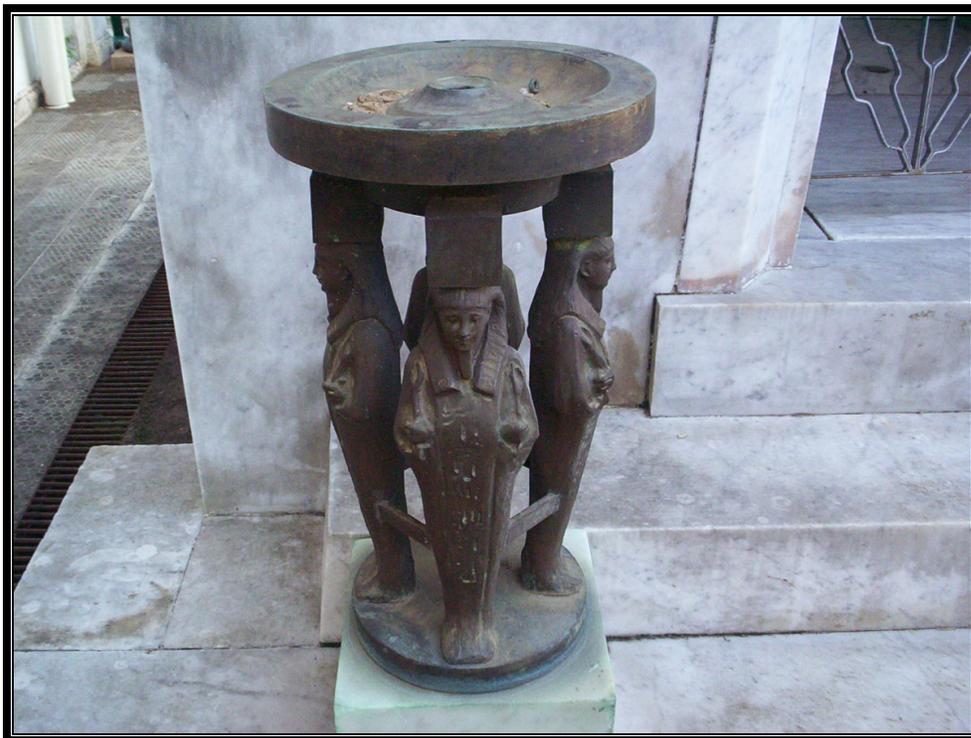


Figura 10 - Túmulo da Família Mostardeiro
Detalhe do deus egípcio Osiris
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

A influência do período neoclássico transparece já no frontão de entrada do cemitério (Figura 11), com colunas compósitas de estilo romano, tendo acima o brasão da Irmandade, junta à inscrição “*Revertere ad locum tuum*” que faz referência à passagem bíblica “*retorna ao teu lugar*”, revelando que do pó todos vieram, e ao pó retornarão. Mensagem bem apropriada para um cemitério cristão.



Figura 11
Frontão de acesso ao corredor principal do Cemitério da Santa Casa
Estilo neoclássico com colunas compósitas

Os templos greco-romanos indicam as influências do período artístico conhecido como neoclássico, bem como as expressões poéticas do romantismo⁴⁵ do final do século XIX, que enaltecia o bem-morrer, em seu profundo sentimentalismo.

⁴⁵ O **Período Romântico** surge em diversos aspectos da cultura e seus ideais contribuíram pela sua busca das formas exóticas e estrangeiras, como gregos, gótico, egípcio e outras fantasias, para poder explorar o seu lado poético. Esse período é caracterizado por um profundo sentimentalismo.

O templo para os gregos era um local de devoção aos deuses. Sua arquitetura encarnava um ideal de equilíbrio, harmonia, ordem e moderação, com grande riqueza ornamental. O templo observado no Cemitério da Santa Casa (figura 12), pertencente a família Chaves Barcellos possui arquitetura inspirada no modelo grego, com colunas de fuste frisado e capitel de estilo coríntia. O templo neste sentido indica o simbolismo de uma força sustentadora, já que as colunas sustentam toda a estrutura

Os elementos e símbolos greco-romanos e egípcios encontrados nos túmulos estão estritamente ligados com o seu valor artístico-simbólico, não sendo uma representação das crenças das famílias donas dos jazigos, sendo que muitas vezes são combinados ou misturados com símbolos religiosos cristãos. Observamos essa idéia na figura 13, no qual o obelisco de influência egípcia, não possui o significado do culto egípcio ao deus-sol Rá, mas sim o simbolismo de marco e celebração da memória através de um monumento. A fé da família está expressa na cruz que está colocada no topo do obelisco.

Dentro do sentimentalismo do período romântico, surge a idéia do sublime, que aparece não só como conceito, mas dentro do cemitério, em monumentos que possuem estilos arquitetônicos que passam a idéia da morte como eternidade bem como a idéia de imortalidade (Araújo, 2004, p. 52).

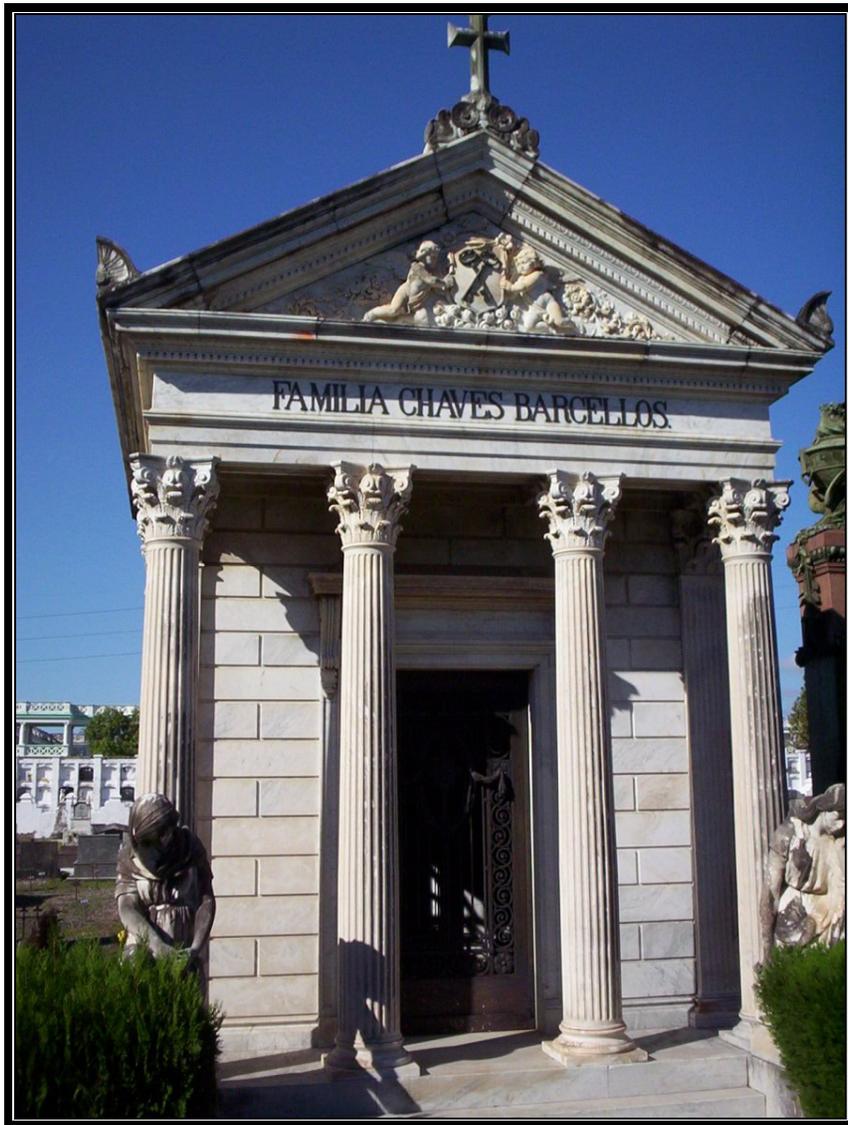


Figura 12
Túmulo de influência greco-romana
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor



Figura 13
Obelisco Egípcio encimado pela cruz
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

3.2.3 – Túmulos com expressões simbólicas cristãs e alegóricas

Para entender as manifestações religiosas, devemos levar em conta que o mundo católico possui uma ideologia religiosa que revela a crença em duas áreas distintas: o mundo do sagrado, onde Deus está presente, com muita religiosidade, e o mundo do profano, onde as idéias religiosas não são tão importantes para uma postura de vida. Isso leva a sociedade a ter duas posturas éticas: a religiosa e a social. (Bellomo, 1988, p.26)

Para o cristão, a fé na vida eterna representa um elo entre o mundo dos vivos (profano) e o mundo dos mortos (sagrado). Daí surge à necessidade de conservar a memória do morto, criando uma relação permanente entre o mundo profano e o mundo sagrado.

Devemos, portanto, analisar as obras funerárias como uma forma de discurso, pois quando uma família escolhe uma estátua de Cristo, de algum santo e insere outros elementos da fé cristã, está reafirmando sua crença religiosa ou da comunidade em que vive. Dessa forma, o túmulo é uma representação de uma identidade cultural individual. Se um mesmo elemento escultórico aparece repetidas vezes em um curto espaço de tempo, percebemos a representação de identidade cultural coletiva.

Assim, é na diversidade de adereços que compões a arte funerária que se torna possível identificar as concepções religiosas presentes em um campo santo. Conforme Bellomo:

“As inscrições, símbolos, estátuas, pinturas nos mostram a religiosidade local e a relação religião/morte. Anjos, Cristos, crucifixos e estátuas de santos nos revelam a visão cristã e as devoções mais comuns da região”. Bellomo, 1996, p.3)

Neste sentido analisaremos a simbologia cristã no cemitério, pois ela se estabelece como um elemento que estabelece as relações sociais e as transmissões culturais, desse modo definindo identidades culturais:

“Toda cultura é uma produção de símbolos, através dos quais os homens se expressam, se comunicam e trocam a riqueza interior. Se não conseguimos conhecer sequer o homem em sua intimidade, a não ser por meio de seus gestos e de suas palavras, muito maior ainda é a necessidade dos símbolos. A religião – como toda a cultura – não pode existir sem símbolos. (Zilles, 1996, p.11)

O símbolo cristão mais encontrado evidentemente é a cruz, presente nas capelas, nas lápides, esculpidas em metal ou pedra, sobre templos e até mesmo sobre obeliscos. Nela está contida a fé e a crença em um dos princípios mais caros para os cristãos: a idéia da morte e da ressurreição (Dalmáz. 2000, p.125)



Figura 14
Templo de influência Neoclássica com
a cruz no topo
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor



Figura 15
Cruz com cabeça de cristo crucificado (coroa de espinhos)
acima da ampulheta voadora que representa a passagem do
tempo terrestre (Lexikon, 1997, p. 18)
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

Outro símbolo comum no cemitério da Santa Casa são as plantas. Para o cristianismo as plantas possuem diferentes significados, como a salvação e a saudade (coroa de flores), a rosa (Virgem Maria), mas todos possuem em comum o sentimento do sagrado, pois são símbolos religiosos.



Figura 16 - Coroa de Louros
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor



Figura 17 - Ramalhete de Papoula
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

parte de um
con
categorias são
figuras humanas, geralmente femininas, acompanhadas de símbolos que dão significado à
alegoria, muitas vezes representando um sentimento relacionado ao morto.

Entendemos que as alegorias, de acordo com Walter Benjamin (1984, p.18) são uma forma de expressão de um conceito e de uma idéia personificada, indicando sentimentos, como a dor, a desolação, bem como de elementos que expressem as realidades políticas e econômicas, como a república e a indústria. Não encontramos nos cemitérios pesquisados nenhuma alegoria relacionada à economia.

As alegorias funerárias, conforme Bellomo (2000, p.38), são representadas de acordo com as concepções do classicismo, sendo em geral figuras femininas, e podem ser classificadas em dois tipos: As alegorias sentimentais e as alegorias cristãs. As primeiras indicam um significado emocional, traduzindo os sentimentos. As segundas expressam um sentimento religioso, geralmente indicando as Virtudes Teologais (Fé, Esperança, Caridade), a Justiça (Virtude Cardeal) e a eternidade, a oração, a morte e o Juízo Final. As alegorias que estão acompanhadas de símbolos cristãos exemplificam a fé da família ou da comunidade que as erigiu.

Estas expressões funerárias apresentam as influências do romantismo, pois observamos que dentro do período de tempo analisado na pesquisa (1889 – 1930) as estátuas sofrem mudanças que estão relacionadas às características sentimentais do período romântico, no qual surgiu a idéia do sublime e do erotismo. As alegorias surgem inicialmente na personificação de figuras angelicais, como a alegoria do Juízo Final, que segura a trombeta que, de acordo com a crença cristã, ira acordar os mortos no dia do juízo final (figura 18), e a alegoria da esperança, simbolizada pela estrela (figura 19).



Figura 18
Alegoria cristã do Juízo Final
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

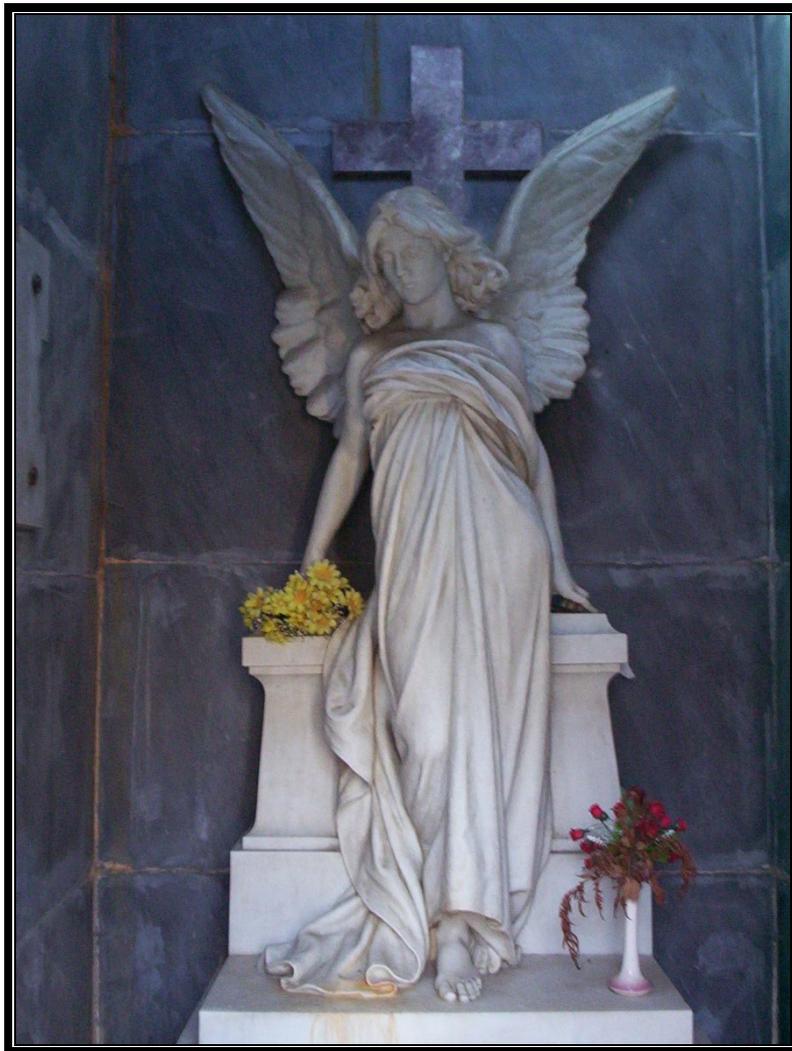


Figura 19
Túmulo da Família Mostardeiro
Alegoria cristã da Esperança
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

Com o passar do tempo, as alegorias perdem as características angelicais e se tornam figuras femininas cada vez mais desnudas, expressando apenas sentimentos (figuras 20 e 21).

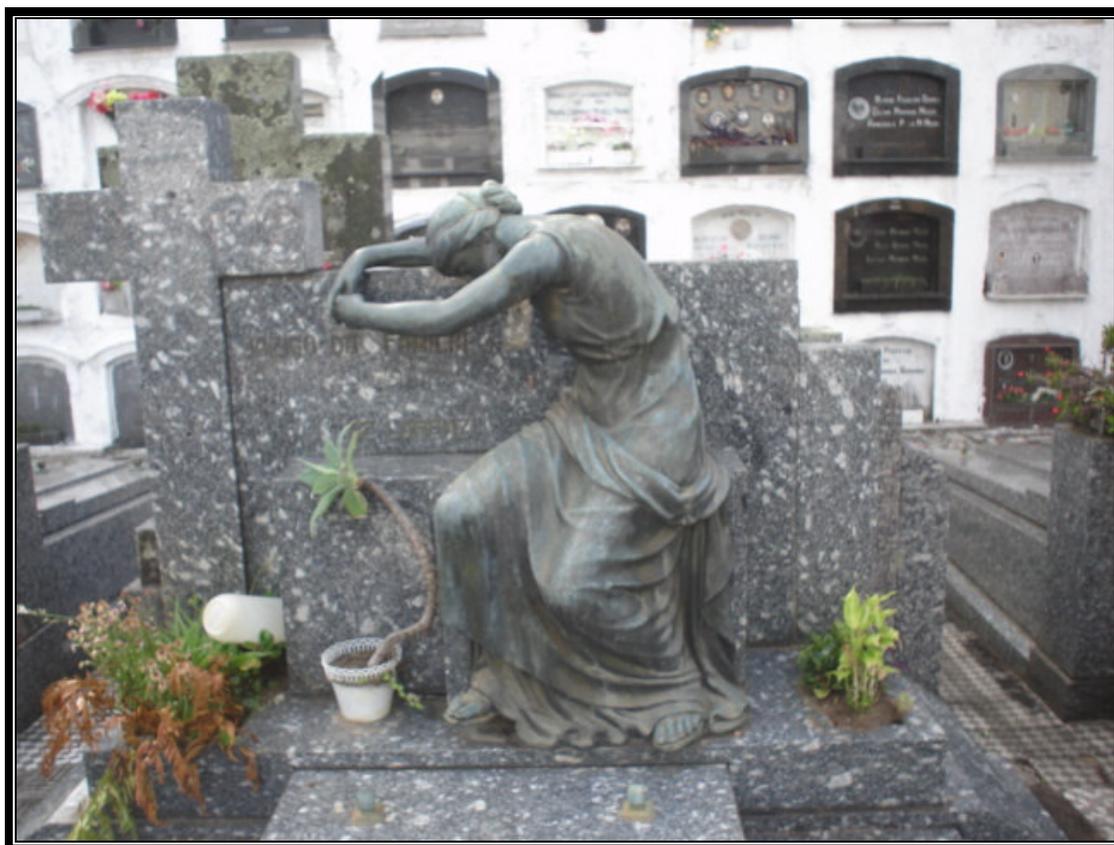


Figura 20
Alegoria da Desolação
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

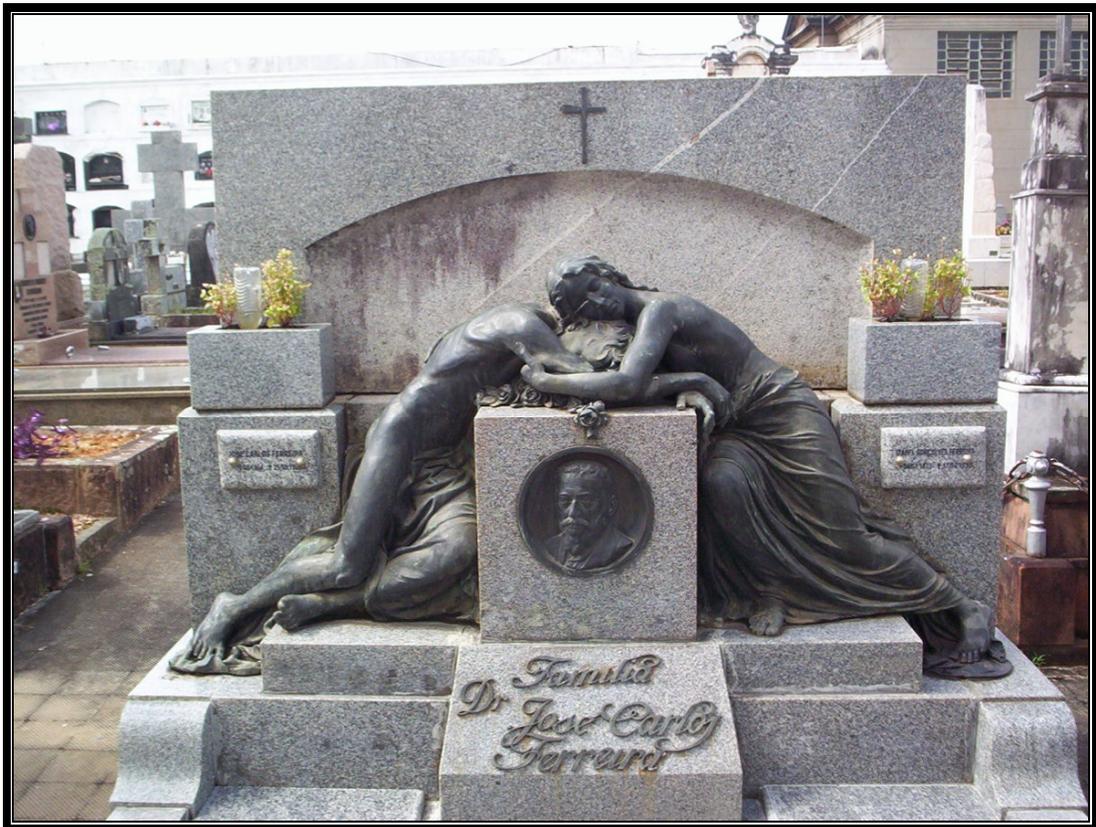


Figura 21
Alegoria da Desespero (Masculina)
Alegoria da Consolação (Feminina)
Cemitério da Santa Casa
Foto do Autor

Ressaltamos também que o sentido da alegoria transcende o simples significado de seus elementos e ao estudarmos as obras funerárias e seu contexto, constatamos que a afirmação da fé é uma constante nos túmulos analisados no espaço temporal delimitado pelo projeto. Essa fé pode ser representada através de suntuosos monumentos devido ao grande crescimento econômico que o Estado do Rio Grande do Sul passava no período.

Neste sentido, o cemitério passa a ser indicativo do processo econômico, e desse modo, dos padrões de vida de determinadas classes sociais.

3.4 – Cemitério Luterano Evangélico

Com a chegada dos imigrantes alemães em 1824, no Rio de Janeiro, começou a se formar em Porto Alegre uma comunidade alemã de não-católicos. Como o único cemitério local era exclusivamente de católicos, a comunidade luterana fundou em 1850 seu cemitério na colina da Azenha, logo após o cemitério da Santa Casa (Bellomo, 1988, p. 192).



Figura 22

Cemitério Luterano Evangélico – Foto do Autor

Data de Nascimento: janeiro de 1831 – Indicação do cemitério como fonte para se perceber a genealogia, identidade étnica e como fonte de documentação primária, pois o local de nascimento (RJ) nos revela que se trata de filho de imigrante alemão.

Estatuária significativos, sendo utilizado até hoje.

No cemitério Luterano Evangélico, há um forte apego à preservação da identidade cultural expressa nos epitáfios, que muitas vezes são escritos na língua de origem e ressaltam o local de nascimento do morto. Esse tipo de evidência está associado ao modo de dominação simbólica, que conforme Baczko, (1985, p.332) qualquer coletividade produz

um sistema simbólico que compreende os imaginários sociais, dessa forma sendo um instrumento de preservação da memória cultural.

Sabemos que o imigrante alemão, aqui no Rio Grande do Sul, aplicou a manutenção do “Kultur” através de suas escolas, sociedades e pela preservação de seu idioma materno, inclusive registrando em suas lápides funerárias a língua e origem de nascimento alemã (Rigo, 2003, p.44).

De acordo com Seyferth (1994, p.15) *os imigrantes alemães procuraram manter preservadas o uso da língua alemã, bem como seus costumes através da intensidade da vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico (como as sociedades de tiro e ginástica)*. Também procuraram manter essa identidade no cemitério, através do epitáfio escrito na escrita na língua materna, muitas vezes escrito em letra gótica, ressaltando o local de nascimento na Alemanha, também expressando o sentimento religioso, já que a maioria das inscrições versa sobre mensagens religiosas. As lápides femininas têm uma particularidade encontrada somente nos cemitérios alemães, que é a inclusão do sobrenome de solteira (quando for o caso), que facilita muito a pesquisa genealógica (Figura 23).



Figura 23
Lápide da Família Grünewald
Detalhe: *Caroline Grünewald, geb. Gertum*
Caroline Grünewald, nascida Gertum
Cemitério Luterano Evangélico
Foto do Autor

O epitáfio expr[] ara o mundo dos

mortos, neste sentido pode ser considerado como um objeto que representa a identidade cultural de uma determinada região em uma determinada época, indicando um ponto de vista particular ou público.

Sobre a preservação do “Kultur” nos redutos de imigração alemã no Rio Grande do Sul encontramos o orgulho de ser alemão ou descendente expresso nas mais diversas formas, como no nome dos estabelecimentos comerciais, que levam o nome da família ou a denominação em alemão como, por exemplo, encontramos diversas “Blumenhaus” (Casa de Flores) ao invés de floriculturas, nas diversas sociedades de canto e de tiro, espalhadas pelas cidades pertencentes ao núcleo de imigração alemã, que até a década de 30 exigiam que seus sócios dominassem o alemão. (Rigo, 2003, p.44)

Encontramos também os vestígios do “Kultur” no cemitério Luterano. Neste, os indícios estão nas lápides com seus epitáfios em alemão sendo esta uma característica dos túmulos da região até o final da década de 30 (Figuras 24 e 25).



Figura 24
Cemitério Luterano Evangélico
Inscrição: “*Hier Ruhet*” (Aqui Descansa)
“*Friede Seiner Asche!*” (Suas cinzas em Paz)
Foto do Autor



Figura 25
Cemitério Luterano Evangélico
Inscrição: “*Ruhestätte der Familie*”.
(Jazigo da Família)
Foto do Autor

Além dos epitáfios em alemão encontramos túmulos⁴⁶ que informavam, com destaque, a cidade alemã da qual o morto teria nascido, ou seja, nem depois da morte o teuto-brasileiro deixa de expressar o seu orgulho de ter nascido na Alemanha (Figura 26).

⁴⁶ Foram pesquisados e fotografados 80 túmulos no Cemitério Evangélico Luterano, e 14 indicavam a cidade natal na Alemanha do morto.



Figura 26
Cemitério Luterano Evangélico
Inscrição: *GEB in SCHLESSEN*
(Nascido em Schleisien)
Foto do Autor

Dentro desta perspectiva de manutenção do Kultur, encontramos manifestações do germanismo expressas nos epitáfios, onde o túmulo possui inscrições em alemão (língua), e indicações da origem e local de nascimento do falecido (regiões da Alemanha). O germanismo, de acordo com Gertz, (1991, p.38) propagava a idéia de preservar aspectos culturais trazidos da Alemanha pelos imigrantes. Neste sentido, a preservação da língua de origem foi um fator primordial, fato não só observado entre o espaço dos vivos, mas também nos cemitérios.

Neste sentido, o epitáfio é uma forma de definir a identidade teuto-brasileira, fazendo uma reconstrução romântica e saudosista de seu passado, desconsiderando em muitas vezes os verdadeiros motivos que os levaram a abandonar sua pátria mãe para buscar uma nova vida em uma terra totalmente desconhecida. Esse tipo de saudosismo faz com que o imigrante reconstrua a sua identidade em cima de ideais forjados por ele mesmo.

Uma das maneiras que o imigrante alemão encontrou de preservar a germanidade foi através das instituições religiosas. O culto era de grande importância para o imigrante, pois era realizado na sua língua natal, onde era reforçada a unidade cultural alemã.

O imigrante alemão também expressa através de simbologias a fé religiosa cristã. Percebemos elementos escultóricos que indicam as representações do cristianismo como a cruz, o ramo de palma, a âncora, entre outros (figuras 27 e 28).

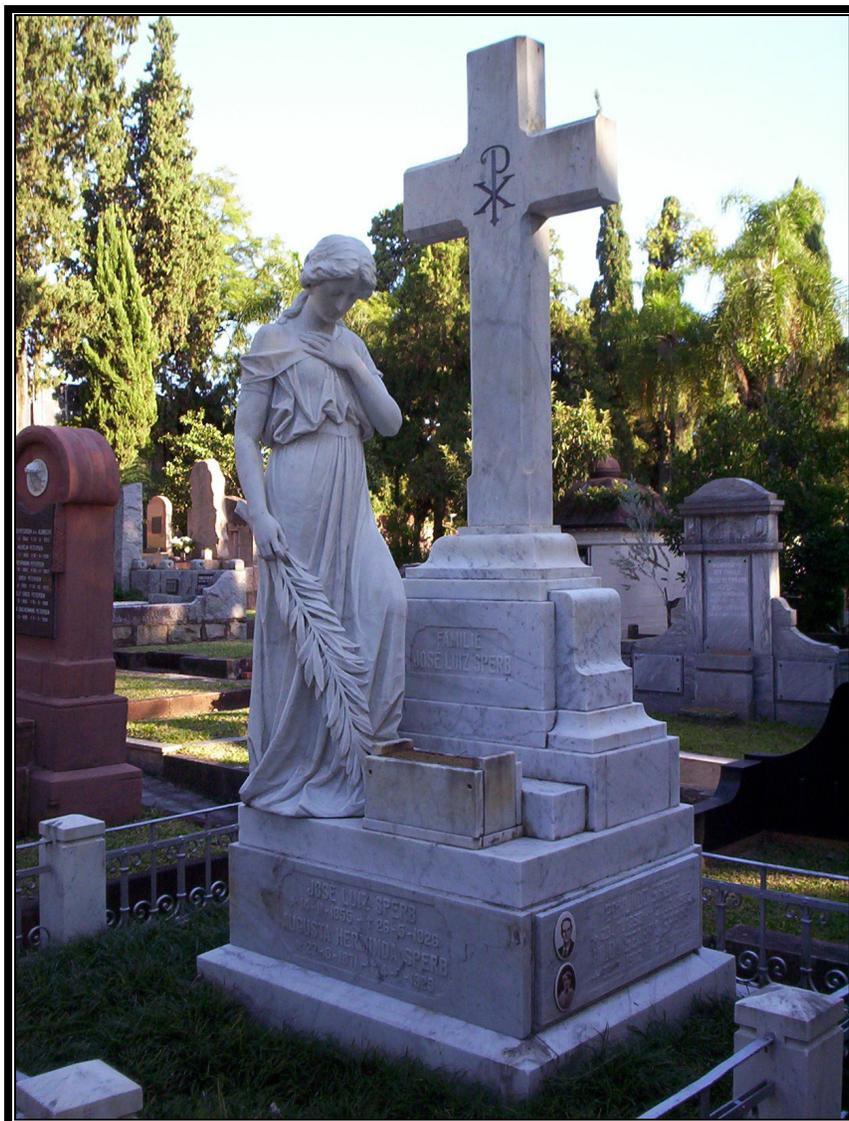


Figura 27
Alegoria da Tristeza junto a cruz com
anagrama de Cristo (XP)
Cemitério Luterano Evangélico
Foto do Autor

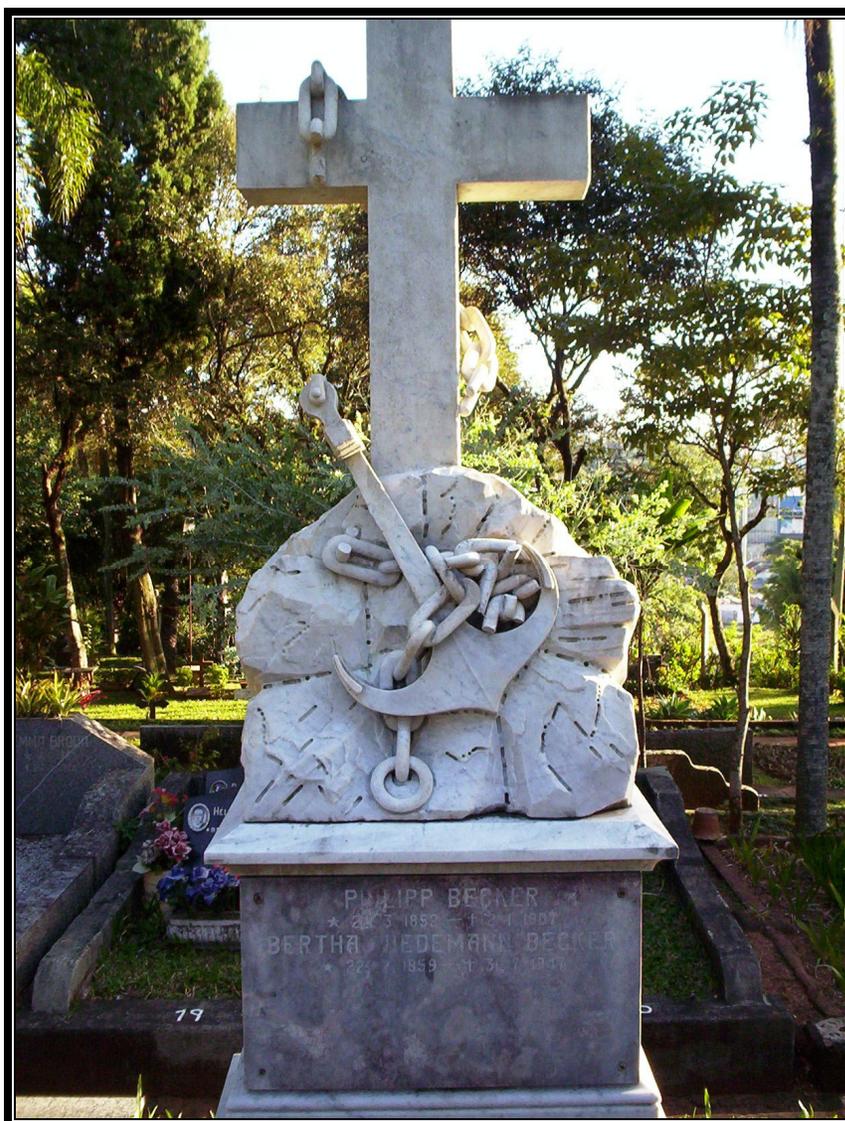


Figura 28
Cruz e Âncora
Fé e Esperança
Cemitério Luterano Evangélico
Foto do Autor

Uma característica dos cemitérios de comunidades alemãs é a tendência de sepultar seus mortos em lápides no chão (Figura 29). Existem poucas capelas e mausoléus, fato não só observado no cemitério da capital, mas também nos cemitérios das comunidades teuto-brasileiras na área metropolitana e no interior do Estado. Esta característica se observa tanto nos cemitérios de confissão luterana como nos cemitérios católicos.

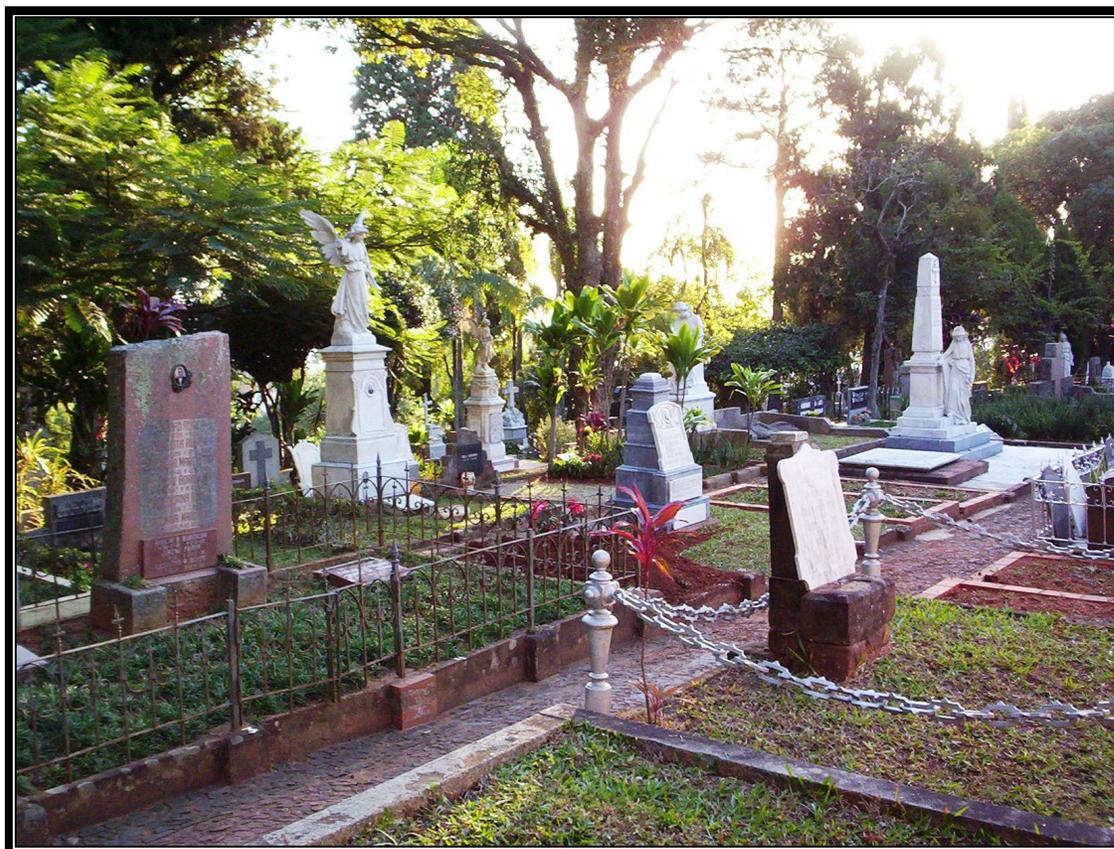


Figura 29
Cemitério Luterano Evangélico
Vista da quadra 1 lado esquerdo
Foto do Autor

CONCLUSÃO

Através do estudo da origem histórica dos cemitérios, verificamos que a humanidade se preocupa desde a pré-história com o destino que terá o corpo morto, e dessa forma, começam a enterrar seus defuntos em locais específicos, para o descanso final. Esses locais, os cemitérios, começam a reproduzir através de expressões funerárias como lápides, túmulos, catacumbas, mausoléus, entre outros, a visão das comunidades sobre a finitude da vida.

Por meio das expressões funerárias, os cemitérios registram toda esta visão da humanidade com a morte. Desse modo, tornaram-se locais de representação de símbolos, com o potencial informativo sobre as identidades das comunidades em que estão inseridos, para preservar a memória dos indivíduos que estão lá sepultados, bem como dos contextos de que faziam parte.

Portanto, concluímos que preservação da memória do morto fortalece a afirmação da identidade cultural, já que através das expressões funerárias associa-se a memória do morto a aspectos da sociedade em que está inserido, em torno da memória comum.

A partir da análise empírica, chegamos às seguintes conclusões:

- Os cemitérios preservam as identidades culturais de uma região através das expressões simbólicas contidas nos túmulos, que evidenciam aspectos da sociedade em que estão inseridos, como as manifestações da fé (estatuária cristã, crucifixos), as ideologias políticas (estátuas e epitáfios positivistas), as influências artísticas (elementos do neoclássico e do romantismo) e afirmação da identidade do imigrante alemão (epitáfios em alemão, indicação da cidade natal nas lápides);
- Os diferentes simbolismos encontrados nos túmulos reforçam a idéia de afirmação de identidades, pois indicam a necessidade de pertencimento social, já que as expressões funerárias nos revelam aspectos culturais nos quais a sociedade estava inserida, através da representação de elementos ligados à política, a fé, ao gosto artístico e a preservação da germanidade;
- No momento em que os cemitérios preservam a memória das sociedades, também evidenciam os contextos sob o ponto de vista sócio-econômicos. No período estudado, de 1889 a 1930, observamos uma profusão de túmulos que celebravam o enriquecimento da burguesia. Desse modo, os túmulos expressam as diferenças sociais, através de obras suntuosas, marcando identidades particulares.

- A relação da produção artística nos túmulos positivistas com o momento político é bastante evidente nas obras analisadas, expressas através da estatuária e dos epitáfios.. Seu conteúdo ideológico é visível, pois cada elemento simbólico reforça os ideais positivistas, como as representações alegóricas da Pátria , da musa Clio, da águia e das inscrições indicando as máximas positivistas. Neste sentido, concluímos que as obras inseridas no espaço temporal delimitado na pesquisa revelam a cultura política positivista vigente no período em que foram construídas;
- As crenças religiosas são fatores determinantes para as representações de fé das comunidades estudadas. Revelam claramente o sentimento religioso de determinadas classes sociais em seus respectivos contextos históricos;
- Muitas vezes novas tendências (inspiração Greco-romana e egípcia) encontram expressão em velhas formas, pois elementos da arte pagã reapareceram com seus atributos simbólicos, como o obelisco egípcio e o templo greco-romano, mas sem substituir a fé cristã, pois muitas das obras analisadas continham símbolos cristãos, o que indica que o cemitério reproduz as tendências artísticas e seus simbolismos;
- As características culturais étnicas encontradas no cemitério Luterano Evangélico revelam a preservação de uma identidade cultural germânica, com expressões próprias, estas procurando afirmar a germanidade inclusive nos campos santos, através da afirmação da língua alemã nos epitáfios e na letra gótica, bem como na

indicação da cidade de nascimento do morto na Alemanha. Tais marcas também revelam características próprias, como a indicação do sobrenome de solteira da mulher na lápide;

- Após 1940, com a mudança dos padrões sociais e o declínio da ideologia positivista, inicia-se a decadência da arte cemiterial em Porto Alegre, principalmente na estatuária, que quase atinge a paralisação depois de 1950. Os enterramentos posteriores a esse período são em sua grande maioria feitos nas paredes (gavetas), e contém nomes, fotos, e quando muito, epitáfios;
- Os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes locais. Existe a área dos ricos, onde estão os grandes mausoléus, a área da classe média, em geral com catacumbas na parede, e a parte dos pobres e marginais, constando apenas um número de classificação. A morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas socioeconômicas e ideologias. Deste modo, a análise permite conhecer múltiplos aspectos da comunidade, constituindo-se em grandes fontes para o conhecimento histórico;
- Constatamos assim, que a maioria dessas famílias possuía nomes de origem imigrante, o que reforça o dado de enriquecimento através de atividades econômicas, como foi evidenciado através do estudo do contexto histórico citado. Se considerarmos que entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do

século XX, a construção de monumentos funerários era uma das poucas formas de demonstração de *status social*, devemos concluir que o cemitério possui elementos relevantes para se indicar inclusive as diferenciações sociais, pois a burguesia ascendente precisava afirmar seu nome através de suntuosos túmulos, que perpetuariam seus nomes na história, preservando a memória e sua identidade. Aliás, este fato também foi verificado por Clarival Valladares ao pesquisar os cemitérios brasileiros. Os túmulos da burguesia são mais suntuosos do que os da aristocracia do Primeiro e Segundo Reinado, em todas as regiões inventariadas.⁴⁷

Com base nas afirmações acima, concluímos que os cemitérios podem ser considerados um meio de preservação da identidade cultural de Porto Alegre, pois as diferenciações simbólicas evidenciam as identidades culturais dos cemitérios da Santa Casa e Evangélico Luterano, utilizando a preservação da memória como uma forma de preservar as identidades particulares/públicas, fato que provamos através da análise contextualizada de túmulos celebrativos, ou seja, que ressaltam a memória do morto, celebrando suas qualidades individuais, através da demonstração de fé, de tendências e ideologias políticas, do gosto artístico e da preservação de seus valores culturais, como no caso dos túmulos da comunidade alemã.

⁴⁷ Valladares, Clarival. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Edição MEC - Conselho Federal de Cultura, 1972.

Para concluir, evidenciamos que os cemitérios fazem parte do patrimônio de uma região, pois lá se encontram obras funerárias que contêm elementos que indicam a história de uma região, vistos através da estatuária, das inscrições e dos diferentes símbolos religiosos, políticos e pessoais inseridos nos túmulos. Com esta perspectiva, destacamos a importância de informar a comunidade em geral deste aspecto. A informação é a base para se tornar democrático o processo de conhecimento do patrimônio. Daí a necessidade de se levar às comunidades, através de palestras, visitas e publicações, o maior número de dados possível sobre seus bens e sobre bens semelhantes de outras localidades, dotando-as de instrumentos capazes de uma proteção efetiva deste imenso patrimônio, que são os monumentos funerários..

A Educação Patrimonial, que deve ser incentivada através das instituições de ensino e órgãos públicos, consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem no público o interesse em resolver questões significativas para a vida pessoal e coletiva.

Não basta saber que um bem é considerado de valor cultural relevante. É preciso conhecer e divulgar esses valores, tomar consciência daquilo que significa ou pode vir a significar para um grupo social ou comunidade.

É preciso também descobrir e informar a todo cidadão sobre as operações necessárias à sua preservação: operações que incluem a manutenção, conservação, restauração, uso, administração e outras, pois o cemitério pode ser considerado um museu a

céu aberto e deve ser explorado como fonte educacional, turística e principalmente de preservação da memória da comunidade, tendo assim um enorme valor histórico.

Isso significa que a partir desta data os bens protegidos pelo tombamento não podem ser destruídos, mutilados ou descaracterizados, sendo necessária para qualquer intervenção nesses bens, a prévia autorização do órgão competente, que analisará a viabilidade ou não da mesma. Mas o que percebemos em nossa pesquisa de campo é uma total falta de interesse político, pois notamos apenas ao circular pela cidade que os bens já tombados muitas vezes estão sem a devida manutenção. Os cemitérios muitas vezes são alvos de roubos, devido ao material nobre lá encontrado (Bronzes, mármore, granito, etc.).

Por todas estas questões que circunscrevem a história inserida nos cemitérios de Porto Alegre, achamos extremamente oportuno a produção deste pequeno estudo que procurou contemplar, minimamente, alguns aspectos de sua história.

Em conclusão, os múltiplos olhares sobre os cemitérios de Porto Alegre, reforçam o nosso pensamento sobre a importância de se considerar as necrópoles como museus da história em céu aberto.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Maria Mega de. Público, Privado e Contextos Funerários. In: Revista Phoênix. Rio de Janeiro: s/e, 2004. (vol. 10, p. 229-245)
- ARAÚJO, Thiago Nicolau. Análise dos Elementos da Arte Antiga Encontrados nos Cemitérios. In: BELLOMO, Harry R.(org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.
- _____. A Influência Greco-romana na Arte Cemiterial do RS. In: Anais do V Encontro de Pesquisadores do Departamento de História. IFCH – PUCRS. Porto Alegre: Print Line, 1998.
- _____, Bellomo, Harry Rodrigues. A Presença do Antigo Egito nos Cemitérios. In: BAKOS, Margaret Marchiori. Egiptomania: O Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- ARIES, Philipe. EL Hombre Ante la Muerte. Madri: Taurus Ediciones, 1987.
- _____. História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BACZKO, Bronislaw. Imigração Social. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985 (vol.5: Antropos-homem, p. 296-332)

- BAYARD, Jean-Pierre. Sentido Oculto dos Ritos Funerários: morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.
- BAKOS, Margaret Marchiori. RS: Escravidão e Abolição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- _____. (org.) Egiptomania: O Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- BELLOMO, Harry R. A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900 -1950). 1988. 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.
- _____. O Cemitério como fonte Histórica. In: Anais do III Encontro de Pesquisadores do Departamento de História. IFCH – PUCRS. Porto Alegre: (s.e.), 1996.
- _____. (org.) Rio Grande do Sul: aspectos da cultura. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.
- _____. (org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.
- _____. Revolução, lideranças e escultura funerária no Rio Grande do Sul'.in: FLORES, Moacyr (org.), *1893-1895: a revolução dos maragatos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993
- BENJAMIN, Walter. Origem do drama barroco alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- BOSI, E. Memória e sociedade. São Paulo: T.A. Queiroz - Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

- BURKE, Edmund. Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo. Campinas: Papirus, 1993.
- CARDOSO, Carlos Lopes. Estelas Funerárias dos MBALI (um caso de aculturação). Coimbra, Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, 1991.
- CATROGA, Fernando. O Céu da Memória – Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911). Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.
- CHEVALIER, Jean. Dicionario de los Simbolos. Barcelona: Herder, 1996.
- CHIAVENATO, Júlio José. A Morte: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.
- CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionario de Símbolos. [s/l]: Editora Moraes, s/d.
- CLARK, T. Rundle. Símbolos e Mitos do Antigo Egito. São Paulo: Hemus, s/d.
- CORRÊA, João Alexandre. DOBERSTEIN, Juliano M. Memória em Ruínas: a casa branca do Morro Santana. Porto Alegre: Dacasa, 2005.
- CORUJA, A. A. P. Antigualhas — reminiscências de Porto Alegre. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1983.
- CUNHA, Manoela Carneiro da. Parecer Sobre os Critérios de Identidade Étnica. In: Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus Significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In: In: BELLOMO, Harry R.(org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.
- DOBERSTEIN, Arnaldo Warter. Estatuária, Catolicismo e Gauchismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

- DULLIUS, Werner Mabilde. Cemitérios das Colônias Alemãs no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole, 1985.
- ELIAS, Norberth. Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 2v, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FLORES, E. C. Violência no conflito de 1893. In: Flores, Moacyr. 1893-1895: a revolução dos maragatos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- FONSECA, Pedro C. Dutra. RS: Economia & Conflitos Políticos na República Velha. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 10a ed., 2003, p.81.
- FREYRE, Gilberto. Em Torno de Alguns Túmulos Afro-Cristãos. Coleção de Estudos Brasileiros. Bahia: Livraria Progresso Editora, s/d.
- FRANCO, S. C. Guia histórico de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.
- GEERT, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GERTZ, René. O Perigo Alemão. Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS, 1991.
- GILI, Mônica. La Última Casa. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999.
- GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p. 264-275.
- GUIMARÃES, Emerson de Carvalho. A Usina do Gasômetro: memórias da construção de um patrimônio histórico de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação de Mestrado.

- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HERTZ, Robert. A Contribution to the Study of the Collective Representation of Death. In: Robben, Antonius C. G. M.(Org.). Death, Mourning, and Burial: a cross-cultural reader. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- HOBBSAWN, Eric. TERENCE, Ranger. (org.) A Invenção das Tradições. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HORTA, Maria de Lourdes P., GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999, p.6.
- KOCH, Wilfred. Dicionário de Estilos Arquitetônicos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KÜRN, Fábio. Breve História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LE MOS, Carlos A. C. O que é Patrimônio Histórico. 2º ed.. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LEXICON, Herder. Dicionário de Símbolos. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- LINTON, Ralph. Cultura e Personalidade. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967.
- LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Origem** Histórica dos Cemitérios. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura do Município, 1977.
- LURKER, Manfred. Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos. São Paulo: Paulus, 1993.
- _____. The Gods and Symbols of Ancient Egypt. An illustrated dictionary. London: Thames and Hudson Ltd, 1980
- MANIQUE, António Pedro e PROENÇA, Maria Cândida. Didática da História: patrimônio e história local. Lisboa: Texto Editora, 1994.

- MARKERS XVIII. Annual journal of the Association for Gravestone Studies. Edited by Richard E. Meyer. ISBN: 1- 878381-11-3 Greenfield, Massachusetts: Association for Gravestone Studies, 2001.
- MATURANA, Humberto R.. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. Tradução: José Fernando Campos Fortes. P. 29.
- MAUCH, C. *et alii*. Porto Alegre na virada do século XIX: cultura e sociedade. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Edufrgs/Ulbra/Unisinos, 1994.
- MENEGHEL, Stela N. ABBEG, Claídes. BASTOS, Ronaldo. "Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos": um estudo exploratório sobre desigualdades no morrer. História, ciência e saúde - Manguinhos. V.10, n.2. Rio de Janeiro. maio/ago.2003
- MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. Lisboa: Europa- América, s/d.
- MÜLLER, Telmo Lauro. Colônia Alemã: 160 anos de História. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.
- NORA, P. "Entre memória e história". In: Os Lugares de Memória. Cópia mimeo.
- _____. "O retorno do fato". In: LE GOFF, J. e NORA, P. História: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In. BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. 7a edição. São Paulo: Contexto, 2002. pp.128-148
- PAGOTO, Amanda Aparecida. Do Âmbito Sagrado da Igreja ao Cemitério Público: transformações fúnebres em São Paulo (1850 – 1860). São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- POST, Ellwood W. Saints, Signs and Symbols, London: SPCK, 1996.

- REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Metrópole da Morte: necrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa*. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.
- RIEDL, Titus. *Últimas Lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Annablume, 2002.
- RIGO, Kate Fabiani. *Maristas Franceses em Redutos Alemães: Reação Germanista frente à Pedagogia Francesa aplicada pelos irmãos no RS*. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Dissertação de Mestrado.
- ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. *Transformações nas Práticas de Enterramento: Cuiabá, 1850 – 1889*. Cuiabá: Central de Texto, 2005.
- ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SEYFERTH, Giralda. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. In: NAUCH, Cláudia e VASCONCELOS, Naira (orgs). *Os alemães no sul do Brasil; cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.
- SILVA, Haike Roselane Kleber da. *A Trajetória de uma Liderança Étnica: J. Aloys Friederichs (1868-1950)*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese de Doutorado.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- STEYER, Fábio Augusto. *Representações e Manifestações Antropológicas da Morte em Alguns Cemitérios do Rio Grande do Sul*. In: In: BELLOMO, Harry R.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

THOMPSON, John. Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na época dos meios de comunicação de massa. RJ: Vozes.

VALLADARES, Clarival. Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros. Rio de Janeiro: Edição MEC - Conselho Federal de Cultura, 1972.

VEIGA, R. Fradera. Atlas dos Estilos Artísticos. São Paulo: LIAL, s/d.

VOVELLE, Michel. Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.